



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

IZABELLA DA SILVA RIBEIRO

**A PSICANÁLISE E O FEMININO:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA MULHER
A PARTIR DA TRAVESSIA DO COMPLEXO DE ÉDIPO**

NITERÓI

2025

IZABELLA DA SILVA RIBEIRO

**A PSICANÁLISE E O FEMININO:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA MULHER
A PARTIR DA TRAVESSIA DO COMPLEXO DE ÉDIPO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia. Orientador(a): **Prof(a). Flávia Lana Garcia de Oliveira**

NITERÓI

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R484p Ribeiro, Izabella da Silva
A PSICANÁLISE E O FEMININO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A
CONSTITUIÇÃO DA MULHER A PARTIR DA TRAVESSIA DO COMPLEXO DE
ÉDIPO / Izabella da Silva Ribeiro. - 2025.
56 f.

Orientador: Flávia Lana Garcia de Oliveira.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, 2025.

1. Sexualidade feminina. 2. Feminilidade. 3. Complexo de
Édipo. 4. Masoquismo. 5. Produção intelectual. I. Oliveira,
Flávia Lana Garcia de, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

TERMO DE APROVAÇÃO

IZABELLA DA SILVA RIBEIRO

**A PSICANÁLISE E O FEMININO:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA MULHER
A PARTIR DA TRAVESSIA DO COMPLEXO DE ÉDIPO**

Trabalho de Conclusão aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF

Niterói, 06 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIA LANA GARCIA DE OLIVEIRA**
Data: 15/02/2025 12:26:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Flávia Lana Garcia de Oliveira (Orientadora) - UFF

Documento assinado digitalmente
 **PAULA LAND CURTI**
Data: 12/02/2025 20:08:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Paula Land Curi - UFF

Documento assinado digitalmente
 **FERNANDA DE SOUZA BORGES**
Data: 12/02/2025 10:15:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Fernanda de Souza Borges - UFF

DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho à minha mãe Angela pelo que fomos, pelo que não fomos,
pelo que sou.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço aos meus pais Décio e Angela por terem, um dia, sonhado comigo, por terem me dado o seu nome, o seu colo e todo o seu amor. Ao meu irmão Décio Filho por ter sempre confiado em mim. Ao meu avô Aleatar, por ter me ensinado a escrever com paixão e por ter ocupado, com tanta generosidade, o lugar idealizado do que é ser um homem.

Agradeço especialmente à minha mãe por ter sido sempre a estrela que me guiou.

Agradeço aos meus filhos Lauro, Artur e Lucas, por terem me ensinado a amar de verdade pelo simples fato de terem nascido. Nessa trajetória nunca encarnaram o lugar de dificultadores do meu desejo, pelo contrário, em todos os momentos, foram o motivo pelo qual.

Agradeço ao meu marido André, por ter me ensinado, com exemplo próprio, que é preciso ter humildade, coragem e leveza para trilhar um percurso acadêmico.

Agradeço à minha psicanalista Elizabeth Elias Chacur Juliboni por ter sustentado o firme desejo de me analisar, sem o qual, certamente, esse percurso não estaria sendo concluído com alcances subjetivos tão expressivos.

Agradeço a todos os meus colegas do Tribunal de Justiça que tornaram possível esse caminho. Em especial à minha colega e chefe, Joana de Fátima, que com sua generosidade, ajudou-me a iniciar uma segunda graduação.

Agradeço aos amigos Elton, Gabriel, Cátia, Ana Carolina, Isaura e Miriam, dos quais não soltei as mãos nesse percurso. Agradeço especialmente a Angelo por toda ajuda nos estudos.

Agradeço à minha generosa orientadora Flávia Lana Garcia de Oliveira, que tem me amparado e inspirado nestes primeiros passos acadêmicos.

Aos profissionais, estagiários e usuários do SPA da UFF/Niterói, com quem muito aprendi.

Por fim, agradeço ao Instituto de Psicologia da UFF - campus Campos dos Goytacazes e Niterói - seus funcionários e professores, por sustentarem com desejo a formação pública, gratuita e de excelência, mesmo em meio a tantas adversidades.

RESUMO

Esta monografia tem como principal objetivo a investigação sobre a constituição da mulher a partir da travessia do Édipo, suas escolhas objetais e seus possíveis destinos à luz da teoria psicanalítica. A partir da concepção do feminino como um trabalho psíquico, mostra-se importante entender quais processos psíquicos e culturais possibilitam essa tarefa, bem como afirmar que realizamos esse trabalho ao nos constituirmos a partir da presença do investimento parental. Detivemo-nos sobre o trabalho complexo pelo qual percorre uma menina rumo à subjetivação como mulher, sem o qual a construção da feminilidade não seria possível. Objetivamos investigar o quanto a passividade pressupõe atividade, como lugar de ocupação subjetiva de uma mulher e, por fim, buscamos adentrar a obscuridade que permeia as escolhas masoquistas das mulheres e como esses destinos da libido repercutem na clínica.

Palavras-chave: sexualidade feminina, feminino; masoquismo.

ABSTRACT

This monograph's main objective is to investigate the constitution of women from the Oedipus crossing, their object choices and their possible destinies in the light of psychoanalytic theory. From the conception of the feminine as a psychic work, it is important to understand which psychic and cultural processes make this task possible, as well as affirming that we carry out this work by constituting ourselves based on the presence of parental investment. We focused on the complex work that a girl goes through towards subjectivation as a woman, without which the construction of femininity would not be possible. We aim to investigate how much passivity presupposes activity, as a place of subjective occupation for a woman and, finally, We seek to penetrate the obscurity that permeates women's masochistic choices and how these libido destinations impact the clinic.

Keywords: female sexuality, feminine; masochism.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: Sexualidade Feminina	12
1.1 A teoria psicanalítica e a clínica com as mulheres	12
1.2. O mito de Édipo	13
1.3. A teoria do complexo de Édipo	14
1.4. A teoria do complexo de castração	16
1.5. O desfecho do Édipo	17
CAPÍTULO 2: Feminilidade	23
2. 1. A teoria psicanalítica e o arcaísmo psíquico.....	23
2.2. Feminilidade e metas passivas da pulsão	24
2.3. Da primazia do clitóris à primazia da vagina	27
2.4. As fases da sexualidade infantil e o laço social	28
2.5. A função paterna e a inveja do pênis.....	31
2.6. O esvaziamento da teoria infantil e a formação do Supereu	36
CAPÍTULO 3: A mulher e a parceria amorosa.....	39
3.1. A relação amorosa e o outro materno.....	39
3.2. O filho e o falo	42
3.3. Masoquismo	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	52

“On ne nait pas femme: on le devient”
Simone de Beauvoir

INTRODUÇÃO

Esse trabalho aborda a constituição feminina no curso do Complexo de Édipo. Foi inspirado no atendimento a mulheres na clínica escola do curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e na experiência institucional que acumulei no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Sem a pretensão de desbravar o continente negro nomeado por Freud como o enigma do feminino (FREUD, 1905/1990); mergulho nesse imenso e enigmático universo feminino para pensar os destinos da mulher ante a travessia do complexo de Édipo.

Ao ler os textos freudianos, é possível acompanhar a construção paulatina e cuidadosa da teoria da sexualidade infantil, como *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), *Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais* (1917), *Uma criança é espancada* (1919), *Organização Genital Infantil* (1923), *O Declínio do Complexo de Édipo* (1924), *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos* (1925). Mais à frente, Freud traz mais detalhadamente questões ligadas à constituição da mulher nos textos *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) e *A Feminilidade* (1933), compilando elementos sensíveis da teoria psicanalítica.

O texto desdobra-se em três capítulos. O primeiro dedica-se a traçar considerações sobre a sexualidade feminina a partir do Complexo de Édipo. O segundo capítulo traz o direcionamento teórico freudiano em torno da feminilidade, dando enfoque ao processo psíquico no período pré-edípico. O terceiro capítulo fala da mulher e a parceria amorosa, especificamente da relação mãe e filha, da maternidade e do masoquismo, a partir dos processos identificatórios que revelam escolhas inconscientes.

Diante do exposto, busca-se entender à luz da teoria freudiana como uma criança dotada de disposição bissexual se constitui uma mulher a partir da travessia do Complexo de Édipo? De que modo se delinea a sexualidade feminina e a feminilidade? Como se estabelecem suas escolhas de objeto? Quais os possíveis destinos da mulher a partir do Complexo de Édipo?

Conclui-se que o Édipo é o complexo do qual nenhuma criança escapa (NÁSIO, 2007). Os romances familiares que emergem no curso do tratamento psicanalítico vêm trazer à lume a história e a posição subjetiva de cada Sujeito decorrentes da travessia do Complexo de Édipo, “como fenômeno central do período sexual da primeira infância” (FREUD, 1924a/2020 p. 247), apontando para a constituição psíquica e a origem dos sofrimentos psíquicos do Sujeito.

CAPÍTULO 1: Sexualidade Feminina

1.1 A teoria psicanalítica e a clínica com as mulheres

A teoria psicanalítica é fundada a partir da clínica com mulheres. “Os Estudos sobre a Histeria costumam ser considerados o ponto de partida da psicanálise” (FREUD, 1893/1895/1996, p. 20). As mulheres histéricas tiveram papel fundamental no surgimento da teoria psicanalítica. Explicações biológicas foram utilizadas para justificar os sintomas das histéricas, cuja veracidade lhes era emprestada. Freud, contrariando essa vertente médica, defendeu que a neurose e a histeria tinham origem psíquica e se manifestavam na forma de sintoma.

Desde a Idade Antiga, o termo histeria já era utilizado por Hipócrates ao descrever doenças nervosas em mulheres, com referência à doença do útero. Na Idade Média, época de grande influência da Igreja, as histéricas eram consideradas mulheres que haviam sido possuídas por demônios. O sofrimento das histéricas desafiava o saber médico, pois não se apresentava sob a forma de doenças orgânicas que explicassem o surgimento dos sintomas que possuíam. No século XIX, período de grandes mudanças na estrutura familiar e social, a histeria figurou como a doença “do momento” na Europa. Mesmo em uma sociedade fortemente patriarcal, Freud ousou ouvir as histéricas e buscou compreender os motivos do aparecimento dos seus sintomas, identificando que ao falar sobre o que sentiam, conseguiam alívio. A partir da clínica, Freud identificou que algo restara recalcado no psiquismo das mulheres histéricas. Diante disso, fundou uma forma nova de compreender o psiquismo humano através do conceito de inconsciente. Com as histéricas, Freud percebeu que era possível a “cura pela fala”, já que, ao falarem sobre o que estava reprimido, tinham seus sintomas reduzidos ou extintos. Freud pode ser considerado vanguardista, por apresentar uma visão diferente sobre a histeria, propor a existência do inconsciente, defender a existência de uma sexualidade infantil e afirmar que os sintomas neuróticos não tinham explicações apenas biológicas.

Segundo a teoria psicanalítica sobre o desenvolvimento humano, a sexualidade passa por tempos lógicos que aproximam o sujeito do laço social. O ponto de viragem do desenvolvimento é a subordinação das pulsões parciais ao primado dos genitais e a sujeição da sexualidade à função da reprodução (FREUD, 1917/2020).

1.2. O mito de Édipo

Freud, em sua Conferência de 1917, intitulada “O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais” prepara seus leitores para “ouvir o que esse terrível complexo de Édipo contém” (FREUD, 1917/2020). Dá início à exposição sobre o que vem a ser Complexo de Édipo e segue descrevendo a lenda grega do rei Édipo, a quem foi determinado pelo destino matar seu pai e desposar sua mãe. O “Édipo Rei”, de Sófocles, é a mais típica das tragédias gregas. Muito mais que uma simples peça policial, é talvez a mais bela e perfeita de todas as tragédias. Um dos juízes mais severos – Aristóteles – elogia de tal forma o “Édipo Rei” que, embora não o diga expressamente, demonstra considerá-la a tragédia por excelência. (SÓFOCLES, 468 a. C./1990). Importante fazer uma breve digressão sobre a obra que inspirou Freud a fincar os pilares da teoria do desenvolvimento sexual infantil.

A lenda conta que Laio, filho de Lábdaco, nutria em sua juventude uma paixão mórbida por Crísipo, filho de Pêlops, inaugurando assim, os amores homossexuais. Laio raptou Crísipo e foi amaldiçoado a morrer sem descendentes. Posteriormente, Laio casou-se com Jocasta e tornou-se rei de Tebas. Apesar de um oráculo haver-lhe anunciado que, como castigo por seu amor antinatural por Crísipo, se nascesse um filho dele e de Jocasta, esse filho o mataria, Laio tornou-se pai. Para tentar fugir à predição do oráculo, mandou Jocasta dar o recém nascido a um pastor, após perfurar-lhe os pés e amarrá-los. O pastor, entretanto, movido por piedade, salvou a vida do filho de Laio e Jocasta. Esse menino, chamado Édipo em alusão aos pés feridos e inchados (*Oidípous* = pés inchados), foi entregue ao rei Pôlibo e sua mulher Mérope, que não tinham filhos e se lamentavam por isso. Quando Édipo chegou à maioridade, foi insultado por uma habitante de Corintos, embriagada, que o chamou de filho adotivo. Diante dessa revelação, procurou o oráculo a respeito de sua ascendência. O deus nada lhe disse quanto a sua pergunta, mas revelou-lhe que uma dia mataria seu pai e se casaria com sua própria mãe. Édipo, supondo que Pôlibo e Mérope fossem seus pais, resolveu não voltar mais a Corinto. Naquela época os habitantes de Tebas estavam alarmados com a Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Em fuga, numa encruzilhada de três caminhos, avistou um carro em que vinha um homem idoso seguido por criados. O homem gritou-lhe insolentemente que deixasse o caminho livre e um dos criados espancou Édipo. Este reagiu e matou o homem que vinha no carro, sem saber que se tratava de Laio, seu pai. Em seguida Édipo chegou a Tebas e passando pela calamitosa Esfinge, decifrou o enigma que esta lhe propôs. A Esfinge desapareceu e Tebas, salva do flagelo, fez de Édipo o rei da cidade e lhe

deu em casamento Jocasta, viúva de Laio e, portanto, mãe de Édipo. Dessa união nasceram duas filhas, Antígona e Ismene, e dois filhos, Polinices e Etéocles, que cresciam em meio à paz e à prosperidade. Os deuses, todavia, estavam atentos à desobediência aos seus oráculos, e fizeram tomar sobre Tebas uma peste que dizimava os habitantes. Ao consultar os oráculos sobre a peste, Édipo descobre a enormidade de sua desgraça e depois de cegar-se perfurando os olhos é expulso de Tebas pelos filhos e perambula na Grécia como mendigo até a sua morte (SÓFOCLES, 468 a. C./1990).

1.3. A teoria do complexo de Édipo

Freud se serve da tragédia de Sófocles para construir a Teoria do Complexo de Édipo, explicar a origem da identidade sexual de homem e mulher e a origem dos sofrimentos neuróticos do sujeito (NÁSIO, 2007). Essa lenda envolve todas as crianças, vivam elas em uma família clássica, monoparental, recomposta ou, ainda, cresçam no seio de um casal homossexual, ou até mesmo sejam crianças abandonadas, órfãs e adotadas pela sociedade. Não importa a origem, classe social, raça, sexo ou contexto em que vivem, toda criança está destinada a passar pelas questões por ele colocadas, uma vez que o Édipo decorre inevitavelmente do fato de ela ser cuidada por um adulto que participa ativamente desse processo. “Nenhuma criança escapa ao Édipo porque nenhuma criança, menina ou menino, escapa à torrente das pulsões eróticas que lhe afluem” (NASIO, 2007).

Sobre a importância dos pais no “despertar” do Complexo de Édipo, Freud assevera que “não devemos deixar de acrescentar que os próprios pais frequentemente exercem uma influência decisiva no despertar da atitude edípica da criança, ao cederem ao empuxo da atração sexual e, que, quando houver várias crianças, o pai dará definidas provas de sua maior afeição por sua filhinha e a mãe por seu filho” (FREUD, 1917/2020, p. 337).

O começo se dá com a sexualização dos pais e termina com a dessexualização dos pais, cujos elementos circunscrevem-se a desejos incestuosos, fantasias e identificações, como operadores que pontuam respectivamente o nascimento, o apogeu e o declínio do complexo de Édipo (NASIO, 2007).

“Cada vez mais o complexo de Édipo revela sua importância como fenômeno central do período sexual da primeira infância” (FREUD, 1924a/2020 p. 247). A lenda do Édipo serve à

explicação de um conceito psicanalítico que envolve realidade e fantasia. Freud vai mostrar que o processo edípico irá depender das relações primitivas com o Outro de amor e de identificação que estão nas bases inconscientes do que se pode construir em termos psíquicos (OLIVEIRA, 2022)

O complexo de Édipo surge no desenvolvimento humano como uma “ferida” que leva o sujeito à constatação de sua incompletude e o remete ao campo do desejo, uma vez que o processo edípico destrona a criança do império narcísico. O complexo de Édipo é o responsável pela fabricação da fantasia sexual inconsciente, da narrativa que permite a elaboração do enigma da diferença sexual e das relações entre os sexos, por atribuir uma interpretação ao sem sentido do real traumático da castração (OLIVEIRA, 2022).

Para entendermos o que acontece no Complexo de Édipo é necessário voltarmos um pouco na história dos sujeitos, no que poderíamos chamar de primórdios da relação com um objeto. O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta (FREUD, 1905/1990). A origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição. A mãe que, não só amamenta, mas cuida da criança, desperta-lhe um certo número de outras sensações físicas, agradáveis e desagradáveis. Através dos cuidados com o corpo da criança, a mãe se torna seu primeiro “sedutor” (ZANOTTI, 2023). A partir dessa relação de cuidado, que retira a criança do desamparo original própria do nascimento, reside a importância única e sem paralelo de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto de amor e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos (FREUD, 1940/1996)

Ao descrever o complexo de Édipo, Freud (1917/2020) inicialmente supõe uma equivalência do fenômeno nos meninos e nas meninas. O menino escolhe a mãe como objeto e toma o pai como rival. A menina mostra interesse pelo sexo oposto como objeto de amor e nutre uma certa rivalidade pelo mesmo sexo, reificando a ideia de simetria do Édipo da menina e do menino (FREUD, 1925/2020).

A construção teórica da vida sexual infantil se baseou na investigação da experiência do menino e na suposição de que as coisas acontecessem da mesma forma com as meninas. No entanto, Freud observa que, com a entrada na fase edípica, a diferença entre os sexos ganha expressão psicológica pela primeira vez. Há um determinado momento em que tal diferença se torna uma questão e alguma coisa que sempre esteve ali, só a partir de um determinado momento, apresenta-se como enigmático, como um não-saber angustiante. A visão casual dos genitais de uma irmã mais nova ou de uma coleguinha é a ocasião para isso (FREUD,

1923/2020). Dessa forma, existem particularidades no Édipo da menina que não podem ser ignoradas.

1.4. A teoria do complexo de castração

O menino percebe a diferença entre homens e mulheres, mas, de início, não tem motivo para relacioná-la com uma distinção entre os genitais. Para ele, todos possuem o pênis. Assim, o encontro com a diferença anatômica entre os sexos leva à fantasia infantil de que há duas posições: a dos fálicos, que permanecem possuindo o órgão privilegiado, e a dos castrados, que são as meninas, que o perderam. Quando o menino vê, pela primeira vez, a região genital da menina, mostra-se pouco interessado, ele não vê nada ou recusa a sua percepção. Só depois, quando a ameaça de castração ganha influência sobre ele, a lembrança ou renovação dessa percepção desperta uma tempestade de afeto e o submete à crença na ameaça de que havia rido até então. Dessa percepção, duas reações podem se fixar: horror à criatura mutilada ou desprezo triunfal por ela (FREUD, 1925/2020).

O complexo de Édipo na menina “tem uma longa pré-história e constitui, de certo modo, uma formação secundária” (FREUD, 1925/2020, p. 263). O complexo de Édipo para a menina oculta um problema a mais em relação ao menino. “Na menina é diferente. Ela o viu, sabe que não tem e quer tê-lo. A menina percebe o pênis notadamente visível e de grandes proporções de um irmão ou do coleguinha, identifica-o imediatamente como o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e escondido e, a partir daí, cai vítima da inveja do pênis” (FREUD, 1925/2020, p. 264). A decepção da menina ante a descoberta da diferença sexual suscita a inveja do pênis e propicia a troca de objeto. Inicialmente, a mãe foi o primeiro objeto para ambos. Freud marca uma diferença dessa observação nas meninas e nos meninos. Num instante a menina está preparada para o seu julgamento e sua decisão, o que suscita a inveja do pênis. Nos meninos, essa diferença tem sua significação no “só depois” com a ameaça de castração (FREUD, 1925/2020).

O clitóris da menina se comporta, de início, como um pênis, mas a criança percebe, quando compara com algum coleguinha, que ele “ficou muito pequeno” e sente esse fato como um prejuízo e motivo de inferioridade. Ela se consola durante algum tempo com a expectativa de, mais tarde, quando crescer, receber um apêndice tão grande quanto o do menino. A menina

não entende a sua falta atual como sendo de natureza sexual, mas a explica com a suposição de que já possuiu um membro igualmente grande, e que depois perdeu pela castração. Ela parece não estender essa conclusão sobre si mesma a outras mulheres adultas, mas atribui a elas, exatamente no sentido da fase fálica, um genital grande e completo, portanto, masculino. Assim, se produz a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação (FREUD, 1924a/2020, p. 252-253). “Até o momento estrutural da castração, a evolução da criança de ambos os sexos é a mesma; não o será depois” (ZALCBERG, M. 2003, p. 15).

Não há dificuldade em deduzir esse resultado para o menino. A mãe foi seu primeiro objeto de amor e vai continuar sendo, enquanto o pai vai se tornar rival. No campo da procura por objeto, para o homem, a mãe se torna o primeiro objeto de amor e assim permanece até que seja substituída por um objeto essencialmente análogo a ela (FREUD, 1931/2020). Para a mulher, a mãe também é o primeiro objeto de amor, mas, no final do desenvolvimento, o pai deverá ter se tornado o novo objeto de amor. Nesse sentido, é preciso que tenha havido a troca de sexo no objeto de amor (FREUD, 1931/2020).

1.5. O desfecho do Édipo

Desse modo, o menino pode ter dois desfechos na dissolução do complexo de Édipo (FREUD, 1931/2020):

- 1) um seria ativo, à maneira masculina, em que o menino se identifica com o pai como detentor da mãe enquanto objeto sexual e renuncia ao seu desejo incestuoso para realizar uma escolha objetal fora desse circuito edípico;
- 2) o outro seria passivo, à maneira feminina, no qual o menino buscaria assumir o lugar da mãe como objeto, para ser amado pelo pai.

Já a menina se reconhece castrada, desprovida do órgão privilegiado, e atribui superioridade ao homem em detrimento de sua inferioridade, condição que lhe causa revolta e da qual derivam três orientações de desenvolvimento (FREUD, 1931/2020):

- 1) um afastamento geral da sexualidade, uma interrupção da vida sexual como um todo;

- 2) uma desafiadora acentuação da masculinidade ameaçada, em que a menina conserva a esperança de voltar a ter um pênis e fantasia ser um homem, o que pode terminar em uma escolha de objeto homossexual manifesta;
- 3) a terceira, considerada indireta, desemboca na configuração feminina final, a que toma o pai como objeto e assim encontra a forma feminina do complexo de Édipo.

As consequências psíquicas da inveja do pênis são múltiplas e de grande alcance (FREUD, 1925/2020. p. 266-267):

- 1) sentimento de inferioridade – com o reconhecimento de sua ferida narcísica, estabelece-se na mulher – de certo modo como cicatriz – um sentimento de inferioridade. Depois de superar a primeira tentativa de explicar sua falta do pênis, ela compartilha o menosprezo do homem pelo sexo reduzido e insiste em sua igualdade com o homem;
- 2) ciúme – mesmo que a inveja do pênis tenha renunciado ao seu próprio objeto, ele não deixa de existir, continua vivo no traço característico do ciúme;
- 3) afrouxamento da relação tenra à mãe como objeto – a menina culpa a mãe a responsabilidade de ter nascido tão insuficientemente dotada;
- 4) descoberta da inferioridade do clitóris – a ofensa narcísica ligada à inveja do pênis poderia ser a advertência de que nesse ponto ela não pode, de fato, competir com o menino e que seria melhor abandonar a concorrência com ele. Dessa forma, o conhecimento da diferença anatômica entre os sexos força a menina a afastar-se da masculinidade e do onanismo masculino por novas vias, que levam ao desdobramento da feminilidade.

A libido da menina, dessa forma, desliza para uma nova posição ao longo da linha de uma equação simbólica – do pênis para o bebê. Ela abandona o desejo de ter um pênis e coloca em seu lugar o desejo de ter um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A menina vai desejar ter um filho com o pai. A mãe se torna objeto de ciúme e a menina se transforma em uma pequena mulher (FREUD, 1925/2020, p. 268).

Freud nos alerta, entretanto, para o cuidado em analisar os diversos sentimentos que estão envolvidos nesse complexo, considerando a constituição bissexual dos sujeitos. A conclusão de que o menino ama sua mãe e odeia seu pai e a menina o contrário seria fruto de uma análise, no mínimo, simplista. Assim, considerando que o Édipo possui uma orientação dupla, entende-se que a criança possa obter duas possibilidades de satisfação, uma ativa e uma passiva. Ela poderia se colocar, masculinamente, no lugar do pai e, como ele, relacionar-se com

a mãe, tomando o pai como um rival; ou substituir a mãe e ser amada pelo pai, de forma que a mãe se tornaria desnecessária (FREUD, 1924a/2020), fato descrito como sendo uma atitude feminina (FREUD, 1925/2020). O certo é que

a aceitação da possibilidade de castração e a compreensão de que a mulher é castrada põe fim às duas possibilidades de satisfação a partir do complexo de Édipo. Ambas trariam consigo a perda do pênis, a masculina como efeito da punição e a feminina como precondição (FREUD, 1924a/2020 p. 250).

É pela angústia de castração que o menino sai do Édipo e a menina entra no Édipo. O processo de dissolução do complexo de Édipo está diretamente articulado ao complexo de castração. “Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração” (FREUD, 1925/2020 p. 269), ou seja, a menina entra no Édipo pela falta do pênis, enquanto o menino sai do Édipo pela ameaça de perdê-lo.

O desenvolvimento sexual da criança avança até uma fase na qual o órgão genital (pênis) já assumiu o papel principal. A fase fálica, contemporânea ao complexo de Édipo, então, submerge e é dissolvida pelo período de latência. O menino, que revelava seu interesse por seu órgão genital pela reiterada manipulação deste, descobre, nesse momento, que os adultos reprovam tal comportamento à medida que lhe impõe uma punição – a castração. “Essa ameaça geralmente provém das mulheres, que buscam reforçar sua autoridade por uma referência ao pai” (FREUD, 1924a/2020 p. 249). Para Freud, é essa ameaça de castração que ocasiona a dissolução da organização genital fálica da criança. Em princípio, o menino não dá crédito à ameaça de castração. Somente quando ele observa o genital feminino é que se convence da possibilidade da perda do pênis, quando a ameaça de castração obtém seu efeito *a posteriori* (FREUD, 1924a/2020).

O Édipo tem seu tempo como fenômeno central na primeira infância. Depois ele declina, sucumbe ao recalçamento e a ele segue o período de latência. As dolorosas decepções são atribuídas a responsabilidade pelo seu desfazimento. Tanto o menino quanto a menina acreditam serem os únicos objetos de desejo do pai e da mãe. Poderíamos pensar, a princípio, que a chegada de um irmãozinho direcionaria o amor e o cuidado da mãe; ou a demonstração de interesse do pai pela mãe; ou ainda, a entrada do pai nessa relação entre mãe e filho poderiam determinar sua dissolução. No entanto, Freud pontua que, mesmo não ocorrendo acontecimentos especiais, o complexo de Édipo seria dissolvido por seu fracasso, como resultado de sua impossibilidade interna (FREUD, 1924a/2020).

Assim, ante o impasse entre a satisfação do amor incestuoso do complexo de Édipo e a perda do pênis surge o conflito que envolve o interesse narcísico da manutenção do órgão privilegiado e a catexia libidinal em seus objetos parentais. “Nesse conflito vence normalmente a primeira força; o Eu da criança se afasta do complexo de Édipo” (FREUD, 1924a/2020 p. 251). A fim de preservar seu órgão sexual, o menino renuncia à posse da mãe de modo mais ou menos completo. Ela se transforma numa atitude passiva para com o pai, tal como a que atribui à mãe. Abandona a masturbação, mas não às fantasias, que são a única forma de satisfação (FREUD, 1940/1938).

Esse afastamento se caracteriza pelo abandono das catexias de objeto e pela substituição por identificações. A autoridade do pai é introjetada no Eu e forma-se, então, o núcleo do Supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto. Assim, o Supereu defende o Eu do retorno da catexia libidinal.

Os anseios libidinais pertencentes ao complexo de Édipo serão em parte dessexualizados e sublimados, o que ocorre em cada transformação em identificação, e em parte inibidos quanto às metas e transformados em moções de ternura (FREUD, 1924a/2020 p. 251).

O complexo não é totalmente recalçado. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são, em parte, dessexualizadas, sublimadas, inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição (NÁSIO, 2007).

Vale lembrar o que Freud nos ensinou em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (FREUD, 1905/1990) sobre a pulsão. Ela é polimorfa e não há nos seres humanos barreiras naturais contra a tentação do incesto, sendo necessário que exista a proibição. “A primeira escolha objetal de um ser humano é regularmente incestuosa, dirigida, no caso do homem, a sua mãe e a sua irmã; e necessita das mais severas proibições para impedir que essa tendência infantil persistente se realize” (FREUD, 1917/2020).

No final do Édipo, o sujeito é capaz de deixar de lado todos esses dramas para entrar na cultura de forma menos rivalitária. A função paterna é um grande “antídoto” contra a intolerância porque o sujeito sai da linha da rivalidade, da relação com o Outro muito afetada, causada por impressões equivocadas. A dissolução do complexo de Édipo tem relação com esses primeiros investimentos das referências parentais que vão deixando marcas, criando afetos, permitindo que tensões sejam atravessadas, e ao fim disso, sobrevenham aquisições importantes e um certo ganho de bom senso. (OLIVEIRA, 2022)

A função paterna incide para a criança a partir da ameaça incisiva de castração. Assim, a dimensão do real é abalada e o complexo de Édipo dissolvido. A partir da mudança de *status* na relação do menino com pai no sentido da identificação, o objeto rivalizado se torna o objeto com o qual o menino pode se identificar. O menino faz do rival o parceiro que pode lhe acrescentar algo e que define para a criança a dimensão do ideal do eu. A inscrição da diferença geracional leva o sujeito ao reconhecimento de que a geração anterior tem algo a transmitir. Essa simbolização acerca da diferença geracional em que é possível suportar a separação com relação à mãe, aponta para a dimensão da castração e uma dimensão mais simbólica sobre o mundo. O ideal do Eu transforma o sujeito em alguém capaz de se diferenciar da geração anterior e admitir um lugar geracional (OLIVEIRA, 2022).

A criança pós-edípica está preparada para a vida adulta, uma vez que apresenta maior capacidade de apreensão da realidade e melhor compreensão para entender seu lugar no mundo, onde as marcas psíquicas fundam traços de caráter. A saída do Édipo se dá quando a criança pode herdar características das referências primordiais, quando, então, torna-se possível transformar essas relações em modos próprios de agir a partir da herança desse Outro parental. O sujeito abre mão da relação incestuosa para estabelecer uma relação de identificação ou desidentificação com o Outro parental (OLIVEIRA, 2022).

O processo salva, por um lado o genital, afasta dele o perigo de sua perda, mas, por outro, paralisa-o, suspendendo sua função. O período de latência agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança. Tal processo é mais do que um recalçamento, ele equivale, se executado de maneira ideal, a uma destruição e uma suspensão do complexo. Freud fala de uma linha fronteira que se estabelece nesse ponto, entre o normal e o patológico. “Se o Eu não conseguiu muito mais do que um recalçamento do complexo, ele subsistirá inconscientemente no Isso e manifestará posteriormente efeito patogênico” (FREUD, 1924a/2020 p. 251).

A questão fálica também ganha outra repercussão. O falo não é mais somente o pênis, mas do ponto de vista psíquico, torna-se uma potência erógena, algo que tem um brilho libidinal a mais. Na saída do Édipo o sujeito é capaz de falicizar objetos do mundo, conferindo um lugar prestigiado, erógeno do ponto de vista psíquico. A dimensão do falo se dá quando o sujeito se separa da mãe e é capaz de entender a função paterna num nível mais organizador. Assim, consegue perceber que não é possível permanecer no papel de bebê e alcança a importância de ver o outro como alguém que possa transmitir algo em relação ao desejo, como estar no mundo sem ser infantil (OLIVEIRA, 2022).

Para Freud a saída edípica para o menino consiste na renúncia à relação privilegiada com a mãe em prol do que ele considera essencial, que é a dimensão fálica com a manutenção do seu órgão privilegiado. A ausência da satisfação esperada deve, ao final, levar o pequeno amante a voltar as costas ao anseio esperado: possuir a mãe como sua propriedade (FREUD, 1924a/2020).

Do ponto de vista da menina, Freud percebe que ela adere à mesma teoria infantil. Diante da constatação da diferença anatômica entre os sexos, ela tende a se perceber castrada, desprovida por ter deixado de receber o bem de valor. Para ela, falta o motivo para a destruição do complexo de Édipo. A castração já produziu, antes, seu efeito, que consistiu em forçá-la na situação do complexo de Édipo. Este foge ao destino que lhe está preparado no caso do menino; ele pode ser abandonado lentamente, ser resolvido por recalçamento e deslocar seus efeitos amplamente na vida anímica normal da mulher. (FREUD, 1925/2020).

A percepção da menina de que não tem o órgão privilegiado gera grande desapontamento, um ressentimento na subjetividade feminina e na vida adulta, que pode estar na raiz inconsciente na relação tumultuada entre mãe e filha. Para ela, trata-se de perda de amor e não da perda de um órgão. “A menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega a ocasião em que tem de sofrer por parte dele uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo” (FREUD, 1924a/2020). Aos poucos, Freud constrói a teoria em torno da sexualidade feminina, imprimindo uma nova dimensão, considerando a necessidade de a menina ter de renunciar à sexualidade ativa voltando-se para o pai para tornar-se mulher.

CAPÍTULO 2: Feminilidade

2. 1. A teoria psicanalítica e o arcaísmo psíquico

“Cabe à menina, para tornar-se mulher, um encargo trabalhoso e...contínuo. Mais do que ser, a feminilidade é tornar-se” (ZALCKBERG, 2003).

À psicanálise não interessa definir o que é a mulher, mas esclarecer como se dá a constituição de uma mulher, ou seja, como o sujeito se torna mulher, “como se desenvolve a partir da criança dotada de disposição bissexual” (FREUD, 1933b/2020, p. 318). Para a teoria psicanalítica, feminilidade e sexualidade feminina são conceitos diferentes. A sexualidade feminina diz respeito ao Complexo de Édipo e aos destinos edípicos que aplainam o terreno para o acesso à feminilidade. A feminilidade representa um além disso, que não é sem isso. A experiência da feminilidade exige que a sexualidade feminina possa se estruturar nos destinos do complexo de Édipo e de Castração (OLIVEIRA, 2022).

Por feminilidade podemos entender o modo como o sujeito, a partir das insígnias fálicas, compõe sua identificação com a posição sexual feminina. Para tal, o jogo do semblante, do fazer parecer, do uso da imagem, do modo próprio de fazer laço, é acionado como estratégia para demarcar uma certa posição sexual feminina. Essa posição é assumida como uma consequência da forma como o sujeito vivenciou o romance edípico (MAURANO; SOUZA, 2023)

A Conferência da Feminilidade (1933b/2020) é um texto chave, baseado na clínica psicanalítica e tem um caráter inédito. É a primeira vez que Freud aborda o tema da feminilidade de forma detalhada e minuciosa, demonstrando uma construção teórica complexa, contudo bastante elucidativa. Além das questões ligadas à subjetivação feminina, ele traz valiosas contribuições para a clínica contemporânea quando enfoca as relações pré-edípicas e os excessos de um tempo em que a feminilidade é reinante na condição psíquica do indivíduo (OLIVEIRA, 2022). “Neste, ele ensina que não há nada de natural na constituição da mulher e que o caminho para a feminilidade, além de não ser dado de saída, é mais tortuoso do que se possa imaginar” (MAURANO; SOUZA, 2023). O alcance dessa conferência requer uma certa maleabilidade, própria da clínica, para que se possa aplicar os norteadores fornecidos por Freud

à particularidade de cada caso com o devido discernimento, a dissolver o aspecto polemizante que o tema pode suscitar (OLIVEIRA, 2022).

Maurano e Souza destacam que os textos freudianos sobre a sexualidade da mulher mostram que o criador da psicanálise, ao contrário do que se pensa, nunca defendeu concepções contra a mulher e, que, apesar dos ditos freudianos, em certos momentos, carregarem a marca do contexto cultural e social de sua época, “tais ditos devem ser resituados a partir do conjunto da obra e dos fundamentos de sua ética” (MAURANO; SOUZA, 2023, p. 59). O estudo da feminilidade permite que se avance na compreensão de quadros psicopatológicos contemporâneos que revelam verdadeiras perdas pulsionais naquilo que a pulsão pode servir à vida. Refiro-me a um caráter da pulsão que ainda não foi inscrita na vitalidade, ou seja, não sustenta o desejo de viver, como em quadros de compulsão ou melancolia. (OLIVEIRA, 2022)

Freud se instrumentaliza da compreensão que alcançou a partir da introdução do conceito de pulsão de morte em “Além do Princípio do Prazer” (FREUD, 1920/1990) para pensar não só a assimetria presente nos mecanismos da sexuação masculina e feminina, mas também para aprofundar aspectos de um tempo primitivo da constituição psíquica. Ele vai se deter sobre um tempo mais arcaico do indivíduo, traduzido por sua posição de objeto, que o remete ao desamparo originário. Nesse tempo as metas passivas permeiam o psiquismo e o que se tem é o estado em que tudo que incide sobre o indivíduo diz respeito ao discurso do Outro, a ser apropriado para sua subjetivação como ser falante e aculturado. Lacan pontua que a feminilidade se identifica com o furo que diz respeito à própria linguagem e à falta constitutiva necessária à nossa constituição como sujeitos de desejo (OLIVEIRA, 2022).

A feminilidade diz respeito à objetificação originária, fruto da condição de dependência em que nasce o indivíduo, capturado pelo discurso do Outro materno que se apresenta onipotente, onisciente, onipresente e exerce uma posição de mestria, queira ele ou não (OLIVEIRA, 2022). São “os primeiros tempos da criança, está no início totalmente submetida aos desígnios maternos” (ZALCBURG, 2003, p. 15).

2.2. Feminilidade e metas passivas da pulsão

A evolução da teoria demonstra o percurso de Freud, na carona do que tinha falado dois anos antes, em 1931, em “Sobre a Sexualidade Feminina”. Ele vai mostrar que todos os

indivíduos passamos pela experiência da feminilidade quando, diante do que não vai bem e se desarranja no real, atualizamos a configuração inicial de desamparo (FREUD, 1931/2020). A Conferência da Feminilidade (FREUD, 1933b/2020) é posterior ao “O mal estar da civilização” (FREUD, 1930/2020) e ao “Eu e o Isso” (FREUD, 1923/1996) já apontando para um Freud às voltas com fenômenos que revelam como os neuróticos são capazes de escolher pelo pior, decidindo por modos de satisfação pouco afeitos à saúde mental. Nessa conferência, Freud aponta para um interesse que se justificava clinicamente na gravidade das neuroses. Ele se ocupava do mal-estar na cultura, mais especificamente com a manifestação do mal-estar psíquico mais inacessível ao tratamento analítico clássico, cujos sujeitos se apresentavam mais ensimesmados, numa posição de objeto difícil de demover, alheios e contrários às questões do inconsciente (FREUD, 1931/2020)

O tema da feminilidade surge nesse momento em que Freud precisa resolver a dívida deixada no caso Dora e esclarecer como uma mulher se subjetiva como tal. Ele reconhece que não foi arguto o suficiente para entender o que se passava no campo do desejo feminino.

A apreciação insuficiente do vínculo que unia Dora a uma outra mulher, a sra. K., foi motivo para Dora romper a análise, afastando-se com um sorriso de *Gioconda* nos lábios. Marcado de enigma e de desafio, esse sorriso revela o cunho particular imprimido pela mulher histórica na própria cena psicanalítica que Freud começava a construir (ZALCBERG, M. 2003).

Freud começa a sanar essa dívida com o texto “Sobre a Sexualidade Feminina” (1931/2020) e, conforme avança na teoria das pulsões, aproxima-se do feminino de uma forma mais embasada. Ele reconhece a importância do vínculo da menina com a mãe, aponta suas consequências na vida adulta da mulher e lança luz sobre o período pré-edípico e a relação primordial mãe-filho, evidenciado na complexidade do Édipo feminino (MAURANO; SOUZA, 2023). Freud inicia a Conferência da “Feminilidade” (FREUD, 1933b/2020) afirmando que “a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomia não consegue apreender” (FREUD, 1933b/2020. p 316), ou seja, diz que o sexo anatômico não garante uma posição sexuada. A anatomia do corpo implica a necessidade de trabalho psíquico de subjetivação, mas não garante a aquisição psíquica de uma identidade sexual. O enigma da feminilidade condiciona a possibilidade de trazer alguma contribuição à abordagem da diferença sexual, embora Freud mantenha a feminilidade no nível do mistério e prepare o público dele para “o fato de que a psicologia também não irá resolver o enigma da feminilidade” (FREUD, 1933b/2020, p. 318).

Psicologicamente, a feminilidade se caracteriza “através da preferência por metas passivas” (FREUD, 1933b/2020, p. 317). Metas passivas não se confundem com passividade. “É preciso uma grande porção de atividade para que uma meta passiva se estabeleça” (FREUD, 1933b/2020, p. 317). O laço social impõe que possamos agir em prol de metas passivas, já que essas implicam aguardar um outro que está em atividade. Assim, “fazer-se” daquele que escuta e espera, implica uma certa atividade que de forma alguma apaga o sujeito, pelo contrário, muitas vezes é o que propicia que ele interaja de forma benéfica. É um exercício da vida pulsional para que o sujeito advenha no laço social. (OLIVEIRA, 2022)

Quando Freud fala de bissexualidade, refere-se às metas passivas e ativas do indivíduo no campo da pulsão. “As mulheres podem desenvolver grande atividade em diversas direções; os homens não podem conviver com seus iguais se não desenvolverem um alto grau de docilidade passiva” (FREUD, 1933b/2020, p. 317). Desaconselha, portanto, que se faça coincidir “ativo” com “masculino” e “passivo” com “feminino”. Ele aproxima as metas passivas do feminino, mas vai falar desse modo de satisfação pulsional em homens. Isso não implica defender a teoria geral da bissexualidade e sim reconhecer uma modalidade da satisfação feminina em sujeitos que não são mulheres.

Obviamente, não há correspondência necessária entre a identificação da mulher com o feminino e do homem com o masculino, o que também não quer dizer que não possam ocorrer. Nesse meandro, todas as combinações são possíveis, incluindo muitos reviramentos nesse binarismo (MAURANO; SOUZA, 2023 p. 24).

Destaca que “devemos, contudo, atentar para que a influência das normas sociais não seja subestimada, normas que, de forma semelhante, forcem a mulher para situações passivas” (FREUD, 1933b/2020, p. 317). Desde a “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921/2019) Freud demonstra que a psicologia social e a psicologia individual se sobrepõem e que são dimensões que fazem interseção com a psicanálise. Ele não negligencia aspectos discursivos e sociais, o que não significa desconsiderar a dimensão pulsional. A dimensão pulsional não faz antítese à dimensão social, pelo contrário, o que é pulsional inclui as questões de ordem social, econômica, cultural sem excluir o que é da ordem da satisfação mais primitiva, ligada ao próprio estatuto de humanos, já que não temos instintos (OLIVEIRA, 2022).

2.3. Da primazia do clitóris à primazia da vagina

Sobre as consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, Freud (1931/2020) assevera que não garantem a subjetivação sexual, mas importa considerar as consequências psíquicas da percepção dessa diferença traumática das genitálias pela criança. Essa percepção se dá na fase fálica que sucede um período narcísico, permitindo que a criança reelabore a teoria sexual infantil.

A partir disso, Freud argumenta que o clitóris é a principal zona erógena da menina, mas que deve ceder à vagina, sua sensibilidade. Para o alcance subjetivo da posição feminina, é preciso que a menina ceda do engodo de achar que, através do clitóris, ela tem o objeto privilegiado que engana a perda narcísica envolvida na fase fálica (FREUD, 1933b/2020).

Assim, a passagem para feminilidade requer “duas tarefas que pesam sobre o desenvolvimento da menina” (FREUD, 1933b/2020, p. 321):

1) A mudança da zona erógena, ou seja, do clitóris para a vagina como zona erógena privilegiada. Isso requer um trabalho psíquico muito específico, requer que a mulher abra mão dessas defesas típicas da fase fálica ligadas ao esforço de se ligar ao órgão privilegiado, que a mantém nessa posição fálica, onipotente, detentora de todos os elogios. Alcançar a vagina implica um novo encontro com a castração, num rebaixamento das defesas fálicas em direção a algo mais precioso que envolve a experiência da feminilidade propriamente dita. A feminilidade envolve um além da fase fálica. Essa valorização do clitóris é essencial para que a menina não melancolize ante a constatação de que ela não tem o órgão privilegiado. A supremacia do clitóris é defesa à castração.

2) A mudança do objeto de amor – a menina deve, com o passar do tempo, trocar sua zona erógena e objeto, já o menino mantém ambos. Surge a pergunta sobre como isso ocorre, e mais especificamente, sobre como a menina passa da mãe para a ligação com o pai, ou, de sua fase masculina para a fase feminina, que foi determinada para ela (FREUD, 1933b/2020).

A função paterna é o que retira a menina da fixação no clitóris e possibilita uma nova elaboração da castração. Freud começa a falar sobre a ligação à mãe pela intensa ligação ao pai. “Vocês devem saber que é muito grande o número de mulheres que permanece, até épocas tardias, na tenra dependência do pai como objeto, na verdade, do pai real” (FREUD, 1933b/2020, p. 322). A ligação extrema ou a rivalidade com o pai pode não estar a serviço da regulação à relação pré-edípica e sim de um prolongamento dessa primeira relação com a mãe.

Nesse caso, a clínica aponta para os casos em que o apego ao pai excessivo demonstra que a relação está a serviço de atualizar a relação pré-edípica (OLIVEIRA, 2022).

2.4. As fases da sexualidade infantil e o laço social

A fase pré-edípica constitui-se como um tempo da constituição psíquica em que o Eu ainda é muito frágil e as percepções da criança distorcidas. O que se observa é um conjunto de fantasmagorias próprias da falta de recursos que a diferença sexual permite. O encontro com a diferença anatômica entre os sexos é um grande ganho de lapidação da realidade, de como as coisas operam, de qual é o lugar do Sujeito e o lugar do Outro (OLIVEIRA, 2022). Freud inicia uma importante incursão no arcaísmo da vida psíquica para a decifração dos sintomas apresentados pelos neuróticos quando aborda as fases da sexualidade infantil, conforme veremos adiante.

As três fases da sexualidade infantil se expressam pelos desejos orais, sádico-anais e fálicos (FREUD, 1933b/2020, p. 323). Essas fases são etapas de separação do Outro materno. No caso do desejo oral, referimo-nos a uma indiferenciação mais absoluta, ou seja, onde a alteridade não é reconhecida como tal, o que se tem é um fragmento do corpo materno, o Outro materno atua como prolongamento da criança. Para essa, o que vem do mundo externo não se diferencia dela, do contrário, é de total posse, numa relação canibalesca, onde se verifica a total insuficiência de recursos psíquicos para reconhecer o mundo externo como diferenciado (FREUD, 1905/1990).

O desejo sádico anal também está incluído nessa dinâmica pré-edípica, mas que representa um salto a mais. Nesse caso, já é observado o controle esfinteriano, em que a criança está às voltas em atender o desejo materno. Ainda é uma fase em que o Outro materno é muito protagonista, mas alguma diferenciação já se verifica. Aqui o discurso materno ainda é muito centralizador, uma vez que é representante da vida civilizada. Do ponto de vista pulsional, ao mesmo tempo em que o investimento libidinal do Outro materno se faz muito onipresente, há o risco de algum excesso pulsional, no qual se verifica um regime de funcionamento ainda muito parasitado por impulsos sádicos, ligados aos traços anais.

Por fim, Freud (1933b/2020) fala dos desejos fálicos, que envolvem um outro salto. Os órgãos genitais encontram-se investidos como zona erógena prevalente, mas ainda muito

habitados por fantasias infantis, nas quais a existência da vagina não é incluída e o pênis torna-se o único órgão simbolizável. Nessa fase, verifica-se uma série de equívocos que geram na menina decepção e o entendimento de que ela não tem o pênis porque a mãe lhe privou. Essa é uma dinâmica pré-edípica atravessada pelo desejo de ter o falo, que ganha importância a partir do momento em que o pênis passa a ser investido como algo desejável e que acaba por suscitar ambivalências relativas a quem foi ou não beneficiado. Para a criança pré-edípica, não há ainda diferença entre masculino e feminino, “esses desejos representam tanto moções ativas quanto passivas” (FREUD, 1933b/2020, p. 323). A criança só subjetiva o que é masculino e o que é feminino na fase fálica. Assim, a diferença sexual num nível mais simbólico resguarda a subjetividade do sujeito de uma série de aspectos do funcionamento pré-edípico que são impossíveis à vida humanizada (OLIVEIRA, 2022).

Quando o sujeito alcança a lógica fálica, já pode subjetivar o encontro com a diferença anatômica entre os sexos e reelaborar as fases anteriores. A clínica demonstra que, na fase fálica, ele é menos reduzido às fixações orais e anais sádicas que restam no psiquismo e aparecem no funcionamento sob a forma de sintomas. A sexuação possibilita que o sujeito alcance o lugar dele no mundo, que se distancie da posição assediada dos desejos orais, sádico anais, das interpretações da linha de oposição fálicos e castrados, da sexualidade infantil e ganhe um saber-fazer para alcançar um certo papel social. A sexuação é uma chave importante para a entrada no laço social, que só é possível quando o sujeito se destaca da posição de objeto. Já é uma organização dos impulsos ativos e passivos na direção da apropriação de um lugar (OLIVEIRA, 2022).

Mesmo antes do registro no plano sexual que o Édipo coloca, algo no plano da posição sexuada já opera. Freud destaca que os primeiros desejos sexuais vão demonstrar elementos da fantasmagoria infantil que a todos nos constituem. Segundo Freud, “nem sempre é fácil demonstrar a formulação desses primeiros desejos sexuais, o que se expressa mais claramente é o desejo de fazer um filho na mãe, assim como o que lhe corresponde, dar-lhe um filho, ambos pertencentes à época fálica, suficientemente estranhos, mas comprovados, acima de qualquer dúvida, pela observação analítica” (FREUD, 1933b/2020, p. 323).

Normalmente, o que se trabalha na clínica são as relações conflituosas entre mãe e filha, em que pouco se fala da relação incestuosa que caracteriza esse tipo de laço. Entender que as meninas só se tornam mulheres a partir da maternidade é uma interpretação equivocada da teoria freudiana, uma vez que, muitas mulheres se tornam mães exatamente para permanecerem na relação pré-edípica. Um exemplo disso são meninas que engravidam na adolescência a partir

dessa dinâmica, para perpetuar uma relação com a mãe muito infantil. Se a mãe não tem, a filha dará o que lhe falta, mantendo uma posição junto à mãe, oferecendo o que a satisfaz. Assim, a relação incestuosa pré-edípica se perpetua (OLIVEIRA, 2022).

Um segundo elemento desse conjunto da fantasmagoria infantil aparece no medo de ser envenenada pela mãe.

O que atrai nessas investigações são as surpreendentes descobertas que elas trazem. Então, por exemplo, descobre-se que o medo de ser assassinado ou envenenado, que pode mais tarde constituir o núcleo de um adoecimento paranoico, já está referido à mãe no período pré-edípico (FREUD, 1933b/2020, p. 323).

Essa é uma outra face da fase pré-edípica que se dá quando predomina o ódio. Freud remonta esse arcaísmo para aquém da lógica fálica, à fase oral. “A retirada do seio talvez também esteja ligada ao medo do envenenamento. O veneno é o alimento que faz uma pessoa adoecer” (FREUD, 1933b/2020, p. 326). Isso quer dizer que, quando o Outro falta, o que vem dele pode ser colocado sob suspeita. “A recriminação à mãe que remonta mais longinquamente é a de que ela deu muito pouco leite à criança, o que é interpretado como falta de amor por sua parte” (FREUD, 1933b/2020, p. 325). Assim, a perda do objeto, que requer uma travessia, é interpretada pelo sujeito como privação, como algo que o Outro parou de dar por não amá-lo o suficiente (OLIVEIRA, 2022).

Um outro elemento é o relato das pacientes mulheres que contavam terem sido seduzidas pelo pai,

vocês se lembram de um interessante episódio da história da investigação analítica que me gerou muitas horas desagradáveis. No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de traumas sexuais infantis, quase todas as mulheres, minhas pacientes, contavam-me terem sido seduzidas pelo pai (FREUD, 1933b/2020 p. 323).

Freud reconhece aí o poder da fantasia das histéricas que, em nada se aproxima do real da sedução. Trata-se do modo de o sujeito localizar o Outro paterno na sua dinâmica psíquica. Refere-se a um tipo de caso em que o sujeito, a despeito de ter sido muito bem cuidado pelo pai, elabora tal fantasia. Na clínica, só haverá contribuição no tratamento daquele sujeito se for considerado o seu poder de fantasia. Freud localiza essa fantasia na fase pré-edípica, onde a mãe é a sedutora. “Só mais tarde pude reconhecer nessa fantasia de sedução pelo pai, a expressão do típico complexo de Édipo na mulher. E agora encontramos novamente a fantasia

de sedução na história pré-edípica da menina, mas a sedutora é regularmente a mãe” (FREUD, 1933b/2020 p 324).

O próximo elemento da fantasmagoria infantil refere-se à chegada de um irmãozinho.

A próxima reclamação contra a mãe se inflama quando surge a próxima criança no ambiente familiar. Se possível, essa reclamação vai manter a conexão com o impedimento oral. A mãe não pôde ou não quis mais dar leite à criança, porque ela precisou desse alimento para o recém-chegado (FREUD, 1933b/2020, p. 326).

A fantasia como formação psíquica na subjetividade humana se constitui a partir de uma perda narcísica. Num primeiro tempo a criança rivaliza com esse Outro que chegou no ambiente familiar. Lacan trabalha no estágio do espelho essa rivalidade: “o outro que é semelhante a mim que se torna um inimigo, se torna intolerável porque tira a minha centralidade” (LACAN, 1949/1998). O impedimento oral refere-se à impossibilidade de o Outro materno amamentar a criança sempre que ela desejar. Aqui se dá uma primeira insatisfação do desejo, quando o outro se revela interessado em outros objetos. O ponto crucial nessa fantasia infantil diz respeito à mãe que é acusada de infidelidade (FREUD, 1933b/2020).

2.5. A função paterna e a inveja do pênis

Assim, se a relação é tão intensa e poderosa, capaz de produzir tantas coisas, como fazê-la desaparecer e ceder lugar à ligação ao pai? O outro paterno só se instala na relação se o ódio à mãe estiver presente, o que mais tarde pode ser sobre compensado pelo amor. Incluir a função paterna é incluir a diferença sexual e diminuir a rivalidade entre mãe e filha. “Deparamo-nos, então, com um fato que nos indica o caminho a seguir. Com esse passo no desenvolvimento, não se trata de uma simples troca de objeto. O afastamento em relação à mãe ocorre sob o signo da hostilidade: a ligação com a mãe acaba em ódio” (FREUD, 1933/2020, p. 325).

O período pré-edípico é caracterizado por ciúme, tenacidade, irritabilidade, pela interpretação de que o outro é caprichoso, e por mais uma série de afetações em que a lógica da castração ainda não foi capaz de operar um trabalho de ressignificação dos acontecimentos

(FREUD, 1933/2020). Freud vai marcar uma posição de rancor que surge a partir da frustração infantil, verificada no modo de agir de muitos adultos. Psicanaliticamente é possível dizer que é um período em que a pulsão de morte irrompe perigosamente, um período desintegrador, pois é um período em que a criança experimenta um Outro materno que, não só não fornece tudo que a criança demanda, mas proíbe. A função paterna que a mãe encarna veicula a castração, faz valer a interdição sobre a livre masturbação com o valor simbólico de que é preciso ser prudente e ter limites com suas satisfações (OLIVEIRA, 2022)

“Os múltiplos desejos sexuais, que variam de acordo com a fase libidinal e que, em sua maioria, não podem ser satisfeitos, constituem uma fonte abundante de hostilidade da criança contra a mãe. O mais intenso desses impedimentos ocorre na fase fálica, quando a mãe proíbe a atividade prazerosa do genital – frequentemente com duras ameaças e todos os indícios de indignação -, à qual, afinal, ela mesma havia iniciado a criança” (FREUD, 1933/2020, p. 327).

Esse Outro materno é capaz de censurar a criança de forma mais explícita. É um período de exigências amorosas desmedidas, impossíveis de serem atendidas. Trata-se do encontro com o impossível cada vez mais presente. “Seria possível pensar que esses seriam motivos suficientes para justificar o afastamento da menina em relação à mãe. Julgar-se-ia, então, que essa desavença decorra inevitavelmente da natureza da sexualidade infantil” (FREUD, 1933/2020, p. 327).

Quanto mais o Outro materno encarna o que é da função paterna, mais dócil será a criança à elaboração da castração. Freud vai dizer que

essa primeira relação amorosa da criança estaria fadada à dissolução justamente por ser a primeira, pois esses primeiros investimentos de objeto são geralmente ambivalentes em alto grau; ao lado de um amor intenso há sempre uma forte tendência agressiva, e quanto mais apaixonadamente uma criança amar o seu objeto, mais sensível se tornará às decepções e impedimentos deles advindos” (FREUD, 1933/2020, p. 328).

Trata-se de um amor que não admite a castração e quando isso acontece, estamos às voltas com a antessala para um ódio infernal, e com isso a criança se torna mais sensível às frustrações por parte dele (OLIVEIRA, 2022). “Por fim, o amor deve sucumbir à hostilidade (...) pois mesmo a educação mais branda não se furta de exercer coerção e introduzir limitações” (FREUD, 1933/2020, p. 328).

Verifica-se no período pré-edípico, que a restrição à liberdade absoluta é experimentada com alta indignação, justamente pela falta de recursos psíquicos para elaboração pela criança das estruturas das coisas, a ser facilitado ou não pelo modo que se transmite esses impossíveis.

Uma criança que é educada como se todos os impossíveis tivessem de ser atendidos está sendo privada de elaborar a estrutura das trocas humanas de forma mais pacífica. Uma criança muito falicizada, que não admite perder, restará desamparada dos equipamentos necessários à alteridade, permanecendo, assim, na lógica pré-edípica (OLIVEIRA, 2022).

Freud apresenta o argumento de que a “menina responsabiliza a mãe por sua falta de pênis e não lhe perdoa essa desvantagem” (FREUD, 1933/2020, p; 328). No período pré-edípico, há distorções que marcam o caráter infantil da relação, como o sentimento de desvantagem ante a ausência de algo; a responsabilização da mãe pelo que a menina não tem; ou ainda, a obstinação por achar o culpado pelo prejuízo atribuído à falta. Ele assevera que todos esses fatores: abandonos, as decepções amorosas, o ciúme, a sedução e a proibição também produzem efeito na relação do menino com a mãe, mas não são capazes de afastá-lo da mãe como objeto, contudo aponta para o complexo de castração como a causa do desfecho da ligação da mãe com a menina (FREUD, 1933/2020).

o complexo de castração da menina também se inicia com a visão do outro genital. Ela imediatamente percebe a diferença e — é preciso admiti-lo — também sua importância. Ela se sente gravemente prejudicada e muitas vezes declara que gostaria de “também ter algo assim”, e cai vítima da *inveja do pênis (Penisneid)*” (FREUD, 1933/2020, p. 329).

A diferença anatômica entre os sexos deixa marcas na subjetivação feminina, mas só ganha repercussão quando a criança é capaz de perceber uma impossibilidade de estrutura. A relação incestuosa está fadada ao fracasso uma vez que é cada vez mais confrontada com a cultura e a civilização, momento em que a diferença anatômica passa então a ser angustiante. Assim, as consequências da diferença anatômica entre os sexos surgem num tempo em que a criança já está propensa a uma nova elaboração, uma vez que já está caducando o que a organizava anteriormente, como a sexualidade dos pais e a descoberta de que criança não é tudo para eles. Esse é um tempo importante para a menina. É a inveja do pênis que permite que a menina se separe da sua mãe. (FREUD, 1933/2020).

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a menina constata que o Outro materno gerou um prejuízo, o valor fálico dado ao objeto que lhe foi privado faz com que a menina queira algo a mais do que a relação incestuosa com a mãe.

“O desejo de finalmente conseguir o pênis almejado pode ainda contribuir para os motivos que levam a mulher madura à análise e o que ela compreensivelmente pode esperar da

análise, por exemplo, a aptidão para exercer uma profissão intelectual, pode, com frequência, ser identificado como uma transformação sublimada desse desejo recalcado. [...] O descobrimento de sua própria castração é um ponto de viragem no desenvolvimento da menina” (FREUD, 1933/2020, p. 319 – 331).

Quando a menina descobre que a mãe é castrada, que ela fracassa, a menina pode abandoná-la. “Seu amor relacionava-se à mãe fálica; com a descoberta de que a mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de maneira que passam a prevalecer os motivos de hostilidade, que há muito vinham se acumulando” (FREUD, 1933/2020, p. 331).

O complexo de castração na menina subverte a simetria do desenvolvimento de meninas e meninos. A castração no menino se dá pelo medo da perda do pênis e na menina, pela inveja do pênis (FREUD, 1933/2020). A sexualidade fálica é abalada, na medida em que a inveja do pênis se coloca como uma experiência de que ela não tem e a equivalência masculina entre o pênis e o clitóris desaparece. A resposta infantil sintomática é uma negação e ela busca a obtenção de satisfação com o clitóris análogo ao pênis, numa garantia de consistência. Essa é uma forma de manter uma satisfação narcísica e fugir da experiência do desamparo. Na clínica das neuroses isso é percebido quando o sujeito nega algo fundamental ao caso (OLIVEIRA, 2022).

“A lógica freudiana da castração atravessa a maneira pela qual ambos os sexos, pelo complexo de castração, formulam os respectivos complexos de Édipo.[...] O termo “angústia de castração” não é aplicável no caso dela: ela não pode temer o que já havia ocorrido. O que a ameaça, Freud dizia há algum tempo, é o medo de não ser amada: “Sua necessidade não vai na direção de amar, mas de ser amada” (ZULCBERG, 2003, p. 35).

A inveja do pênis equivale ao reconhecimento de que o Outro materno é falho e ao esvaziamento do investimento clitoriano. Freud vai dizer que a menina rejeita seu amor à mãe e reprime boa parte de seus desejos sexuais num movimento de aparente passividade. A contenção da falicidade, na melhor das hipóteses, permite maior potência sublimatória para o sujeito. A inveja do pênis abre caminho para descompletar o Outro materno, orientada pela lógica de que homens e mulheres se distinguem entre fálicos e castrados.

Quando Freud menciona a libertação da masturbação na seguinte passagem: “Do desenvolvimento das meninas, que é o que estou lhes apresentando, vocês vão ouvir agora em exemplo em que a própria criança se empenha em se livrar do onanismo” (FREUD, 1933/2020, p. 332), ele se refere a libertar-se da prática autoerótica na infância que envolve a manutenção do prazer narcísico e autoerótico como autossuficiente, que se refere a completar o Outro

materno. A masturbação clitoridiana é um aspecto arcaico que mostra uma identificação deposta que não tem o suficiente para oferecer, o que aponta para um certo risco de melancolização onde a menina assume o lugar da mãe, ficando no lugar de ter e ser o falo. Essa tentativa de se manter nesse regime de funcionamento de identificação com a figura materna, demonstra na clínica, o sentimento de inferioridade da menina.

“Com o abandono da masturbação clitoridiana, renuncia-se a uma parte da atividade. Agora prevalece a passividade, e a viragem em direção ao pai se realiza predominantemente com o auxílio de moções pulsionais passivas” (FREUD, 1933/2020, p. 333). A virada para o pai exige fins passivos, implica a diminuição da atividade fálica. A psicanálise não faz uma defesa da repressão da atividade ativa da pulsão no feminino, mas traz a importância de que a virada para o pai organize a menina no sentido da esperança de que alguém pode lhe dar algo que não é a mãe.

A menina só abandona a crença de que o Outro materno não tem, apostando em algo novo, vindo de um outro. Assim, todos nós precisamos suportar uma boa dose de feminilidade a cada vez que esperamos que poderemos receber algo do outro que a gente não tem. Por isso, para o amor acontecer é preciso que impulsos pulsionais passivos, que vão além da autossuficiência arrogante da mulher, sejam superados pela percepção de que o outro tem algo a dar. É o trabalho de luto, em última análise. Em “Sobre a Transitoriedade” (FREUD, 1916/1996), Freud diz que é necessário poder perder para que algo novo surja, apontando para um reencantamento que substitui o desencantamento.

O encontro com a feminilidade implica sair do lugar de objeto da mamãe para ser capaz de alcançar a posição de objeto num outro plano, não de mero objeto, mas o que se faz de objeto. Dessa forma, ser objeto que causa desejo (LACAN, 1962) não é ser o objeto da mamãe e sim ocupar, de maneira inteiramente nova. Na vida amorosa, tal posicionamento aparece como instrumento poderoso capaz de produzir um novo encontro com essas questões. A feminilidade, nesse contexto, implica certa “sabedoria” em como transitar nos fins ativos e passivos da pulsão. A psicanálise, dessa forma, mostra que a teoria dos fálicos e castrados é só uma teoria infantil, necessária ao processo, mas que é muito equivocada. A arte de lidar com a feminilidade é a ponte das realizações humanas (OLIVEIRA, 2022).

Quando a dimensão fálica pode deixar de ser uma armadura, uma tentativa de ser objeto do Outro materno que ganha um outro rumo mais afinado à feminilidade? Para responder a essa questão, Freud cita a derivação da entrada da função paterna. A teoria infantil é necessária à evolução do sujeito e acessar os papéis sexuais que vão sendo sofisticados até que caducam. A

entrada da função paterna na sexuação feminina se deve ao fato de que é na mira de quem tem a posse do falo que a menina consegue se deslocar da mãe para o pai como objeto de amor, abrindo caminho para um série de novas equivalências simbólicas. Essa plasticidade libidinal torna possível que se vá do Outro materno para o Outro paterno e enriquece o potencial sublimatório a ponto de um novo objeto ser levado à condição de valor fálico. A função paterna é um mediador e a ele é preciso que seja atribuído o valor fálico para que novas referências simbólicas sejam realizadas. Porém, sob o *status* de ficção, carece da dimensão humana. Esse peso simbólico a esse Outro é condição de possibilidade para que o Outro materno perca sua onipotência e para que novas organizações sublimatórias sejam possíveis, inclusive que a criança ocupe esse lugar de substituto fálico (FREUD,1933/2020)

2.6. O esvaziamento da teoria infantil e a formação do Supereu

A ameaça de castração impele o menino a abandonar o desejo incestuoso pela mãe, a rivalidade com o pai e o complexo de Édipo; com a menina acontece o contrário. Através da inveja do pênis, a menina se desliga da mãe e entra no complexo de Édipo, buscando no pai o que a mãe não pôde lhe dar, o órgão privilegiado. Para o menino, na saída do complexo de Édipo, o desejo incestuoso é recalçado, e, como herdeiro, instaura-se um severo Supereu. Para a menina, a ausência da angústia de castração, faz com que permaneça no complexo de Édipo por tempo indeterminado, sendo desconstruído mais tarde e de forma incompleta, e sob essas condições a formação do Supereu se dá.

O Supereu é uma “gradação do Eu” (FREUD, 1923a, p. 41), efeito das identificações iniciais junto às figuras familiares. Resulta do longo desamparo e da dependência infantil do ser humano, em cuja origem está localizado um território de bases libidinais muito delicadas, habitado pelos discursos, afetos e crenças familiares presentes no período pré-edípico. Freud classifica o Supereu como “o herdeiro do Complexo de Édipo” (FREUD, 1923/1996, p. 50).

É através do que o Sujeito pôde herdar que lhe é possibilitado o acesso a recursos que permitem ao Eu desenvolver o chamado senso de moralidade no exercício da vida adulta, aparelhado com habilidade da tomada de consciência, de capacidade de avaliação, exame crítico e de autocrítica. Tais faculdades psíquicas não surgem meramente a partir de influências externas que tornam o indivíduo um receptor passivo, mas derivam do trabalho psiquicamente

complexo que envolve processos identificatórios ligados às figuras familiares que poderão ser apropriados a partir da formação psíquica do Supereu.

O Supereu pós-edípico repercute no Eu e é o motor do recalque. Este último pode ser esclarecido como a internalização de uma força que já é habilitada a partir dos desligamentos que o indivíduo pôde fazer dos impulsos edípicos, consentindo em herdar alguma coisa do Outro. Tal passo o estrutura de forma apta a se relacionar com a realidade. Em suma, trata-se de passar da imersão completa na trama edípica à capacidade de extrair os valores sobre quem são essas figuras familiares enquanto sujeitos e tomar algo disso para si. O Supereu pós-edípico permite que o indivíduo fale e pratique atos em nome próprio. As flutuações afetivas que caracterizam a ambivalência afetiva infantil são superadas em boa medida, estabilizando um laço com a vida mais organizador, já a partir do que adveio da relação com o outro. Dito de outro modo, para que haja a emergência do Supereu pós-edípico, faz-se necessário que o Eu advenha do Isso. Tal operação implica uma fusão pulsional que subordina a pulsão de morte a elementos libidinais mais vitais (RIBEIRO, I. 2022, p.2).

Lacan (1957-1958/1995) diz que o Supereu feminino é menos enrijecido pelas preocupações edípicas. Essa forte ameaça de castração pode caracterizar uma personalidade mais passiva. Em virtude de uma constituição menos severa do Supereu do que dos homens, as mulheres têm uma relação mais flexível com os ideais de civilização, restando menos prisioneiras do ideal do eu, o que lhes abre caminhos para ações e percepções pertinentes ao laço social, com uma maior capacidade de mediar, acolher, flexibilizar. Pela ameaça de castração, o menino renuncia à pretensão narcísica de realizar o incesto. Ele se separa da mãe a partir da fantasia que a autoridade paterna pode puni-lo severamente e que é melhor desistir. O Supereu terá essa característica da autoridade paterna que comparece como ameaçadora. Em “A Dissecção da Personalidade Psíquica” (1933a/2020), Freud assevera que a herança superegoica não está identificada ao perfil dos pais, mas à forma como as figuras parentais vão se relacionar com a própria autoridade.

Na formação da sexualidade feminina, a relação ao pai inaugurada no complexo de Édipo traduz-se em um porto seguro, um ponto de descanso que permite à menina acalmar a fúria pré-edípica. E o que vai operar como formação superegoica? O não consentimento paterno. Freud não afirma que o pai vai dar o pênis. O que surge como aposta à ficção da função paterna

é que ele vai dar o filho à menina, que é o equivalente lógico do pênis, fato incestuosamente impossível. O pai dá um não! Com isso, impede a satisfação da menina, o que propicia a formação do Supereu.

Contudo, essa negativa paterna não é feita à base de uma ameaça narcísica tão contundente como é para o menino, já que a menina não é ameaçada de perder alguma coisa caso ela persista nos desejos incestuosos, o que leva Freud a afirmar que a castração vai acontecer pela metade (FREUD, 1933b/2020). Ante essa dinâmica, o Supereu se forma mais flexível e mediador, inclinado a atividades de pensamentos menos aprisionadas. Assim, “com a ausência da angústia da castração, falta o motivo principal que havia pressionado o menino a superar o complexo de Édipo” (FREUD, 1933b/2020, p. 335). A clínica vem apontando para destinos sublimatórios da menina junto a cursos como comunicação ou advocacia, em que a capacidade de diálogo prepondera.

Tanto a mãe quanto o pai, nesse imaginário, desempenham o papel de quem têm o falo. O sujeito materno é um Outro não castrado e a referência paterna é uma ficção que tudo tem. Assim, uma identificação com a mãe fálica ou com o pai super idealizado representam um refúgio com que a menina se defende da descoberta da vagina, de um vazio que se impõe como uma grandeza criadora, onde a dimensão do clitóris é o correlato psíquico que serve de recusa a admitir o fato desagradável de uma falta a ser elaborada. O complexo de masculinidade aponta para um Outro paterno que não desempenha a função paterna, uma versão da mãe fálica (FREUD, 1933b/2020). A clínica apresenta casos em que a filha apresenta-se ligada demais ao pai, o que pode apontar para o lugar de réplica do Outro materno, cuja separação fracassou.

O que pode determinar esse desfecho? Não podemos imaginar outra coisa além de um fator constitucional, uma proporção maior de atividade, como é normalmente característica do macho. Aliás, o fundamental do processo é que nesse ponto do desenvolvimento é evitado o impulso para a passividade, que abre a viragem para a feminilidade (FREUD, 1933b/2020, p. 335).

Esse é o ponto fundamental. Trata-se dos fins passivos da pulsão. Freud associa a feminilidade a uma certa onda de passividade que tem relação com o consentimento a fins passivos da pulsão. A feminilidade exige de todos um consentimento a fazer-se de objeto com fins mais passivos. Estar identificado à posição de objeto é muito diferente dessa virada para a feminilidade que implica uma onda de passividade e diz respeito à desfalicização de si, da permissão a receber algo. A feminilidade não existe sem sujeito. Ela envolve uma posição de perda narcísica (OLIVEIRA, 2022). No plano sexual, é a forma de causar desejo, segundo Lacan.

Parece-nos que a operação mais extrema desse complexo de masculinidade é a influência da escolha de objeto no sentido da homossexualidade manifesta. Na verdade, a experiência analítica nos ensina que a homossexualidade feminina raramente ou nunca continua em linha reta a masculinidade infantil (FREUD, 1933b/2020, p. 335).

Por essa via, Freud não está explicando possíveis tendências homossexuais mais femininas, até porque a incidência da masculinidade infantil pode aparecer de múltiplas maneiras. O complexo de masculinidade refere-se à falicização necessária para se defender do encontro com o vazio. Pode ser definida como uma ereção fálica de si mesmo na tentativa de se mostrar completo para completar a mãe, numa tentativa de se defender da feminilidade. Na clínica com crianças é possível ver as que querem estar no centro das atenções, querem ser vistas, fazem graça. São presenças da masculinidade infantil através da auto valorização para se afastar da perda narcísica.

CAPÍTULO 3: A mulher e a parceria amorosa

3.1. A relação amorosa e o Outro materno

Como todo esse trajeto da mulher vai aparecer no campo amoroso? Freud toca no fator constitucional para falar o que se vê na clínica. Muitas vezes, na vida amorosa, a relação da mulher com o parceiro amoroso atualiza o duelo junto ao Outro materno, reencenando o conflito pré-edípico (OLIVEIRA, 2022). Muitas vezes o parceiro é o substituto materno, mesmo sendo do sexo masculino. “No caso de atos de amor de mulheres homossexuais reproduzem as relações mãe-criança, constatou-se também a inacreditável atividade fálica da menina em relação à mãe” (FREUD, 1933b/2020, p. 336). “Isso parece dever-se também ao fato de que essas meninas, por um tempo, tomam o pai como objeto e ingressam na situação do Édipo” (FREUD, 1933b/2020, p. 335). Freud diz que nenhuma menina é poupada da decepção em relação ao pai, já que é o que a retira da fantasia incestuosa.

Mas logo, por causa de inevitáveis decepções com pai, são forçadas à regressão ao seu complexo de masculinidade anterior. Não devemos superestimar a importância dessas decepções; sequer as meninas destinadas à

feminilidade são delas poupadas, ainda que sem o mesmo efeito. O superpoder do fator constitucional parece inquestionável, mas as duas fases no desenvolvimento na homossexualidade feminina espelham-se bem nas práticas das homossexuais que, com a mesma frequência e a mesma clareza desempenham entre si os papéis de mãe e filho como os de marido e mulher (FREUD, 1933b/2020, p. 336).

Mas, como a falta pode operar como causa do desejo e não como fator de melancolização na menina? Na medida em que a menina opera com a falta na direção do desejo, de encontrar um modo de estar no mundo, ela poderá se desvencilhar da resposta ao desamparo no sentido de desesperadamente encontrar um Outro completo. Quando o sujeito está no nível do desejo, ele deixa de demandar do Outro, alcançando um salto simbólico que poderá transformar todo esse processo em alegria de viver (OLIVEIRA, 2022).

Nos “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905/1990) Freud fala da puberdade como um desligamento da autoridade parental e da possibilidade de novos encontros de objeto daí para frente, os quais, segundo Lacan (1973-1974) são da ordem do reencontro com o objeto e do saber se servir para então cindir. Para a psicanálise, não há travessia, sem a possibilidade de saber se servir do que foi herdado (FREUD, 1914/2019). É da ordem de um reencontro com o objeto que introduz algo novo e envolve uma satisfação à altura da que se perdeu. Trata-se da experiência de reencontro com um objeto perdido, que leva a um saber se servir das marcas deixadas pelos objetos primordiais, possibilitando o sujeito ir além.

Já se encaminhando para o final da Conferência, Freud destaca que “o desdobramento da feminilidade permanece exposto à perturbação através de fenômenos residuais da pré-história masculina” (FREUD, 1933b/2020, p. 336). Isso significa dizer que consentir com fins mais passivos da pulsão é fazer-se no jogo de cena na posição de objeto, o que implica uma certa relação com o desamparo. Toda vez que o Sujeito suporta estar nesse lugar, ele está suportando melhor o desamparo. A feminilidade refere-se a estar perto do desamparo e a suportá-lo melhor. Então a primitiva época masculina é uma posição falicizada, que serve de proteção ao encontro com o vazio e que nos permite aprender sem defesas. Além disso, Freud fala da alternância de fases, que fere a lógica desenvolvimentista em que os períodos são subsequentes (FREUD, 1933b/2020). Isso depende de muitos aspectos. A mulher não está na masculinidade ou na feminilidade, muitas vezes isso acontece alternadamente, de acordo com situações da vida.

Freud refere-se à frigidez sexual na mulher pela manifestação do repúdio ao prazer sexual. Muitas vezes, a anatomia ou a menopausa, ou outro fator podem provocar esse fenômeno. Freud não se apresentava como machista ou sexista, pelo contrário, a clínica com as históricas conferiu dignidade à mulher em seu sofrimento. Para Freud, a presença da feminilidade pode envolver um alto grau de narcisismo e a feminilidade envolve uma re colocação para o narcisismo que envolve perda narcísica. O narcisismo ganhou um outro estatuto lógico, estando presente, inclusive no desejo. A satisfação do desejo implica perda narcísica, mas o desejo de viver necessita de uma cota de narcisismo (FREUD, 1933/2020).

Quando Freud fala da pouca contribuição da mulher para os descobrimentos e invenções culturais, ele adentra numa série de coordenadas inconscientes e aponta para uma posição subjetiva de algumas mulheres (FREUD, 1933b/2020). O que ele oferece são alguns elementos para pensar alguns casos. Freud apresenta o que é recorrente na clínica, sem se voltar contra as particularidades.

Ao fim, Freud fala de parceria amorosa e maternidade. Ele quer dizer que a atração dirigida a um parceiro masculino se funda nas identificações de bases pré-edípicas (FREUD, 1933b/2020), pois o sujeito não escolhe sem inconsciente. Quando se fala de inconsciente, a referência é às fixações, às identificações, aos elementos do Outro. Assim, qualquer posição na sexuação ligada a parcerias sexuais têm bases inconscientes nas referências identificatórias, cujos destinos dependem da singularidade do sujeito.

Ele afirma que o parceiro amoroso é alguém que encarna esses outros primordiais na vida do sujeito, acrescentando que há mais pré-edípico do que seria esperado nas relações pós-edípicas (FREUD, 1933b/2020). As questões pré-edípicas retornam nas relações pós-edípicas.

A hostilidade deixada para trás segue a ligação positiva e se alastra sobre o novo objeto. Se a menina permaneceu na ligação com o pai, ela irá escolher um tipo como o pai. Já que na viragem da mãe para o pai conservou-se a hostilidade da ligação afetuosa ambivalente com a mãe, uma escolha como essa deveria garantir um casamento feliz (FREUD, 1933b/2020, p. 339).

Assim, se a escolha de objeto foi coordenada por um complexo de afeto e desejos que já tinha representado uma superação da hostilidade pré-edípica, essas escolhas futuras estariam menos contaminadas pelos restos pré-edípicos. Freud assevera que muitas vezes há um resultado que ameaça a resolução de ambivalência (FREUD, 1933/b2020). O marido, que foi inicialmente herdado do pai, com o tempo, assume também a herança da mãe, o que, na clínica, explica muitos “infernos” conjugais. Lacan (1956-1957/1995) vai dizer que a parceria amorosa,

por ser um reencontro com o objeto, precisa produzir alguma satisfação mais primitiva que amenize o traumatismo do desamparo, e que uma escolha bem-sucedida retifica a relação com o Outro materno. Uma parceria amorosa não neurótica, permite ultrapassar os pontos de tensão, implica a travessia e a possibilidade de revisitar os dramas infantis para ir além deles. Na parceria, algo do pré-edípico precisa se instalar para retificar, ou seja, o parceiro precisa ser alguém que suaviza a existência e possibilita o fim da hostilidade. Já as parcerias sintomáticas também podem ser bem-sucedidas, não pela retificação com o Outro materno, mas pela repetição da decepção (OLIVEIRA, 2022).

3.2. O filho e o falo

Freud assevera que “o desejo com o qual a menina se volta para o pai é, sem dúvida, originalmente, o desejo do pênis que a mãe lhe negou, e que ela agora espera do pai” (FREUD, 1933b/2020, p. 333). Esse romance infantil mostra que um Outro que não é a mãe passa a ser representante do desejo. Ele fala ainda que “a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho” (FREUD, 1933b/2020, p. 333). Assim, Freud está apontando para uma saída em que haja um novo ganho para a fascinação pelo pênis como representante do falo a permitir que a teoria infantil, que toma o pênis como único órgão e explica a diferença sexual pelos que o têm e os que foram castrados, seja ressignificada, direcionando a libido da menina para outro objeto que não é o pênis. Essa é fonte de superação da teoria sexual infantil através de um avanço com fins sublimatórios que envolve a criação de algo novo (OLIVEIRA, 2022).

Quando Freud fala da criança que brinca com a boneca mostra a sutileza necessária para avançar em relação às identificações primárias que estão em torno do Outro materno. A menina pode ocupar o lugar da mãe no lugar de maternagem, ou vai se preservar do lugar de objeto materno no lugar de boneca. Assim, nem toda experiência da maternidade pode estar a serviço de uma substituição fálica, mas sim, de uma regressão pré-edípica da filha em relação à mãe. Assim, é como se a menina presentearse a mãe com a filha (OLIVEIRA, 2022).

No texto ele explora a possibilidade de o bebê (boneca) tornar-se o bebê do pai a partir da inveja do pênis e, fala da felicidade quando esse desejo é realizado, mais particularmente se

a criança é um menino, e mostra que um bebê menino não é igual a um bebê menina (FREUD, 1933b/2020).

Essas mutações da teoria infantil promovem o seu esvaziamento, sem contudo desconsiderar a existência de resquícios da sexualidade infantil no funcionamento do sujeito. Tal esvaziamento é localizado na legitimação do valor do Outro paterno no lugar da inveja do pênis, ou seja, sem a inveja do pênis e a abertura para o Outro paterno, o que prevalece é a pulsão de morte, o sentimento de ruína e de injustiça. Acreditar que o Outro paterno pode dar à menina algo que não estava lá antes é o reencontro com a pulsão de vida.

O caminho para a feminilidade não é o caminho para a maternidade propriamente, mas o caminho que envolve a possibilidade de fazer esse trabalho de simbolização de superar a experiência do desamparo originário mais persecutória e ressentida, e com isso ir numa direção mais criativa. O objeto bebê é emblemático, em busca de outros objetos que permitam novas satisfações que permitam um corte definitivo.

Com a transferência do desejo filho-pênis para o pai, a menina ingressou na situação do complexo de Édipo. A hostilidade contra a mãe, que não precisava ser criada como se fosse algo novo, sofre agora uma grande intensificação, pois ela se torna a rival que recebe do pai tudo o que a menina dele almeja. O complexo de Édipo da menina impediu, por longo tempo, a nossa compreensão dessa ligação pré-edípica com a mãe, que é tão importante e que deixa fixações tão duradouras. Para a menina, a situação do Édipo é a saída de um desenvolvimento longo e difícil, uma espécie de solução provisória, uma posição de repouso que não é longo abandonada, principalmente porque o começo do período de latência não está longe (FREUD, 1933b/2020, p. 334).

A transferência do desejo do filho (pênis) para o pai representa a entrada da menina no complexo de Édipo. Para Freud, a rivalidade edípica é menos pior do que a hostilidade pré-edípica e é a entrada do pai que propicia essa redução de danos, como um “analgésico” simbólico (OLIVEIRA,2022).

Outra transformação no ser da mulher, para qual os amantes não estão preparados, pode ocorrer depois de nascer o primeiro filho do casamento. Sob o impacto da própria maternidade, pode ser revivida uma identificação com a própria mãe, contra a qual a mulher havia se rebelado até o casamento, e atrair para si toda a libido disponível, de maneira que a compulsão à repetição reproduz um casamento infeliz dos pais (FREUD, 1933b/2020, p. 339).

A chegada do filho para muitas mulheres pode ver ressurgida uma identificação com a mãe que pode levar à expulsão do parceiro da dinâmica amorosa.

Vê-se que o velho fator da falta de pênis ainda não esgotou sua força, na diferença de reação da mãe ao nascimento de um filho ou de uma filha. Só a relação com um filho traz à mãe uma satisfação ilimitada; de todas as relações humanas, ela é absolutamente a mais perfeita e a mais isenta de ambivalência (FREUD, 1933b/2020, p. 340).

Freud destaca que a relação mãe e filho, pela complementaridade existente, é uma relação menos assolada pelos mesmos conflitos que se observa em outras relações. “Para o filho, a mãe pode transferir a ambição que teve de reprimir em si mesma, e esperar dele a satisfação de tudo aquilo que lhe restou do seu complexo de masculinidade” (FREUD, 1933b/2020, p. 340). Já a menina pode ser herdeira dos próprios impasses maternos com a feminilidade dela, do mesmo modo que o menino pode representar essa satisfação absoluta, a menina pode depositar os discursos maternos em torno da dor de ser mulher da própria mãe, como as esperanças mais feministas desse Outro materno de que as dores femininas sejam superadas através da filha.

A experiência da maternidade modifica a dinâmica subjetiva de uma mulher. Ante o advento da maternidade, a mulher pode caminhar para uma maior identificação com a mãe, ou mesmo para o repúdio à transmissão materna, culminando numa maior dependência do que o especialista tem a dizer; ou ainda apresentar uma regressão em que as identificações levam ao conluio com o Outro materno que dificulta a própria subjetivação da maternidade. Tal processo depende singularmente das raízes inconscientes que as gerações anteriores transmitiram, que hoje muitas vezes são consideradas obsoletas (FREUD, 1933b/2020).

Outra transformação no ser da mulher, para a qual os amantes não estão preparados, pode ocorrer depois de nascer o primeiro filho do casamento. Sob o impacto da própria maternidade, pode ser revivida uma identificação com a própria mãe, contra a qual a mulher havia se rebelado até o casamento, e atrair para si toda a libido disponível, de maneira que a compulsão à repetição reproduz um casamento infeliz dos pais (FREUD, 1933b/2020, p. 339).

Nesse caso, a maternidade faz ressurgir, no complexo de Édipo, a identificação com o Outro materno, que pode ser organizador na dimensão da fantasia e fonte de paz. Freud vai abordar a diferença do filho menino e da filha menina, o que a depender do caso a ser contextualizado, aponta para obtenção do falo pela via indireta. Quanto maior a adesão à teoria infantil pela mulher, maior a tendência a supervalorizar o filho como suplemento. A clínica aponta para as consequências dessa adesão, quando mostra mães mais ou menos separadoras (OLIVEIRA,

2022). “O casamento mesmo não está assegurado enquanto a mulher não conseguir fazer do seu marido também o seu filho e agir como mãe em relação a ele” (FREUD, 1933b/2020, p. 340). Quanto à queixa de muitas mulheres em serem mães dos maridos, não há indicação se isso é um problema ou uma solução.

Segundo Freud (1933b/2020), o fato de a filha não ser a representante máxima do falo pode repercutir na relação com a mãe no sentido de ser submetida a uma criação mais exigente e dura e desenvolver um sentimento de injustiça; ou mesmo, encontrar as bases de uma separação que pode acontecer de modo precoce, o que pode representar não somente ônus, mas um impulso para uma outra coisa.

Quando ele fala que “temos a impressão de que o amor do homem e o da mulher está separado por uma diferença psicológica de fase” (FREUD, 1933b/2020, p. 340), refere-se à identificação materna na mulher que, inconsciente, organiza a possibilidade de tornar-se mãe. Freud vem demonstrando a relação pré-edípica como algo conflituoso. Nesse ponto da teoria, ele se atém às bases inconscientes da mãe com o bebê, que dependem da relação pré-edípica. A maternidade aparece em vários locais sociais que envolvem cuidado cuja subjetivação só foi alcançada a partir da decepção com o objeto para incluir um corte fundamental e alcançar a condição de sujeito (FREUD, 1933b/2020). “A fase da ligação pré-edípica é a decisiva para o futuro da mulher, nela se prepara a aquisição daquelas qualidades que lhe bastarão para mais tarde cumprir seu papel nas funções sexuais e para bancar suas inestimáveis tarefas sociais” (FREUD, 1933b/2020, p. 340).

3.3. Masoquismo

Freud em 1924 explica detalhadamente a formação do masoquismo. Em “Pulsões e seus destinos” (1915) Freud trouxe breves considerações sobre o tema, mas em “O problema econômico do masoquismo” (1924) o autor traz importantes descobertas para o estudo da pulsão. Freud relaciona pulsão de morte, pulsão de vida e o princípio do prazer para explicar como o masoquismo, ao trazer o desprazer como alvo, contraria o princípio do prazer.

No contexto, trago um caso clínico de atendimento institucional em que uma mulher, no contexto de violência doméstica, chega ao serviço com muitas lesões corporais, sob risco de morte, para ser encaminhada a local seguro. Na escuta clínica do caso, em meio ao relato trágico

do ocorrido, inclusive que é violentada há vários anos, a mulher chora, diz que sente saudade do agressor e pergunta se ele poderá visitá-la. Tal fato nos trouxe grande inquietação e motivou esse trabalho. Dentre as inquietações que nos restaram acerca do atendimento, destaco: O desprazer dessa mulher estava realmente ligado à diminuição da tensão que o afastamento do agressor representava? A dor e o sofrimento traziam-lhe a sensação de ser amada por ele?

O autor destaca o aspecto qualitativo existente nas experiências de prazer e desprazer ao afirmar que não se trata somente de um fator quantitativo em relação ao aumento (desprazer) ou à diminuição (prazer) de tensão, apesar de não ser sem isso. “Prazer e desprazer não podem ser referidos ao aumento e diminuição de uma quantidade – que chamamos de tensão de estímulo – apesar de terem muito a ver com esse fator. Parece-me que eles não dependem desse fator quantitativo, mas de uma característica própria que só podemos descrever como qualitativa” (FREUD, 1924/2016, p. 288). Afirma que existem elevações de tensão que geram prazer e reduções que geram desprazer, ao contrário do que se pensava inicialmente.

Destaca que o Nirvana é uma variação do princípio do prazer, revelando que é a busca da pulsão de morte pela eliminação completa das excitações internas. Freud descobre que a pulsão de morte não existe sozinha, mas envolve componentes libidinais. Assim, afirma que os três princípios conseguem interagir regulados pelas forças intrapsíquicas e que o princípio do prazer é originado pela pulsão de morte modificado pela reivindicação da libido, que, por fusão pulsional se une à pulsão de morte, de onde resultam o sadismo e o masoquismo.

“Assim, obtemos uma pequena, mas interessante série de relações: o princípio de nirvana expressa a tendência da pulsão de morte, o princípio do prazer representa a exigência da libido e sua modificação, o princípio da realidade, a influência do mundo exterior” (FREUD, 1924/1916, p. 289).

Freud afirma que o masoquismo se apresenta sob três formas: masoquismo feminino, masoquismo erógeno e masoquismo moral. Freud caracteriza o masoquismo feminino a partir de fantasias que implicam dor física, maus-tratos no geral e humilhações. A situação degradante à qual o masoquista se submete revela que ele se coloca em situações tipicamente femininas, isto é, que remetem à castração. “O masoquismo feminino, ao contrário, é o mais acessível à nossa observação, o menos enigmático, e pode ser examinado em todas as suas relações[...] conhecemos esse tipo de masoquismo no homem[...]cujas fantasias terminam no ato masturbatório ou constituem para elas próprias a satisfação sexual”(FREUD, 1924/2016, p. 290).

Após, Freud introduz o masoquismo erógeno, de onde o feminino deriva. “O masoquismo feminino que descrevemos baseia-se inteiramente no masoquismo primário, erógeno, no prazer da dor” (FREUD, 1924/2016, p. 291) Freud expõe que, com o apaziguamento da pulsão de morte pelas ligações libidinais, parte dessa libido é desviada para o mundo externo, sob a forma de pulsão de apoderamento, desenvolvendo sua função sexual – o sadismo. “a libido se enfrenta com a pulsão de morte ou de destruição[...] sua tarefa é tornar destrutiva essa pulsão destrutiva, e ela a desempenha desviando-a em grande parte – e logo com a ajuda de um sistema orgânico especial, a musculatura – para fora, contra os objetos do mundo exterior. Recebe, então, o nome de pulsão de destruição, pulsão de empoderamento, vontade de poder. Este é o sadismo propriamente dito” (FREUD, 1924/2016, p. 292).

Outra parte, também ligada libidinalmente, permanece no organismo – masoquismo original, erógeno. Esse masoquismo está presente em todas as fases de desenvolvimento da libido. Por exemplo na fase oral, sob a forma do medo de ser devorado pelo pai. Para Freud, o sadismo e masoquismo primordiais são idênticos, mas possuem objetos diferentes. Enquanto a pulsão de destruição tem seu objeto no mundo externo, o masoquismo original tem como objeto o próprio Eu. Há circunstâncias, ainda, em que o sadismo que está voltado para fora pode regredir e novamente ser introjetado, resultando em um masoquismo secundário. “O masoquismo erógeno acompanha a libido em todas as suas fases de desenvolvimento e delas retira as suas próprias e variadas roupagens psíquicas. O medo de ser devorado pelo animal totêmico (pai) origina-se da organização oral primitiva” (FREUD, 1924/2016, p. 294)

Na última parte, Freud trabalha o terceiro tipo de masoquismo, o moral. Neste último, o que importa é o sofrimento por si só, a punição, sem que necessariamente isso venha da pessoa amada. A grande relevância dessa “necessidade de punição” acarretada pelo masoquismo moral é sua forte incidência sob a forma de “vantagem da doença” na neurose: a tendência masoquista se beneficia do sofrimento causado pelo sintoma. É necessário que sempre se conserve alguma quantidade de sofrimento. “A terceira forma de masoquismo, o masoquismo moral, é, sobretudo, notável, por ter afrouxado sua relação com aquilo que chamamos de sexualidade[...]Na explicação dessa conduta, estamos quase deixando de lado a libido e nos limitando a supor que, nesse caso, a pulsão de destruição foi novamente direcionada para dentro e atua agora violentamente contra a própria pessoa” (FREUD, 1924/2016, p. 295).

Freud explica detalhadamente o processo que envolve forças psíquicas nos conflitos que se desenvolvem entre as instâncias Eu e Supereu. Quando o Eu se apercebe abaixo das exigências do Supereu, reage com sentimentos de culpa. O Supereu é originado quando, após a

dessexualização dos impulsos libidinais em relação aos pais, o desvio da meta sexual direta, o Complexo de Édipo é superado. A instância moral, por sua vez, conserva as características essenciais do casal de genitores, como o seu poder e severidade, juntando a outras figuras de autoridade, se tornando, assim, substituto do Complexo de Édipo e representante do mundo externo. “A consciência moral e a moral nasceram da superação, da dessexualização do Complexo de Édipo” (FREUD, 1924/2016, p. 299).

Com a revitalização do complexo de Édipo e a consequente sexualização da moralidade, no masoquismo moral, parte da consciência moral do indivíduo pode desaparecer graças ao masoquismo. Para ser punido, o masoquista deve agir de forma inapropriada, agir contra seu próprio interesse. “trata-se de uma relação entre o Eu e o Supereu ou entre poderes equivalentes a este último; em ambos os casos, o que está envolvido é uma necessidade que é apaziguada por meio de castigo e sofrimento”(FREUD, 1924/2016, p. 299).

Nessa situação, o sadismo se volta com mais força para o Eu, a porção da pulsão destruidora surge com mais intensidade. Esse sadismo somado ao masoquismo do Eu resulta em uma forte repressão pulsional que gera e mantém o sentimento de culpa inconsciente “poderíamos traduzir a expressão “sentimento inconsciente de culpa” por necessidade de punição que venha de um poder parental”(FREUD, 1924/2016, p. 299).

Por fim, Freud dá pistas sobre o surgimento da moralidade. Afirma que as pulsões do indivíduo são freadas por poderes externos e culturais, quando então, é formada a moralidade que, a partir de sua expressão consciente, demanda mais renúncia pulsional. Logo, “[...] a primeira renúncia pulsional é forçada por poderes exteriores, e apenas então ela cria a eticidade, que se expressa na consciência moral e exige nova renúncia pulsional (FREUD, 1924/2016, p. 301).

Apesar de já ter feito considerações mais breves sobre o assunto no texto “Pulsões e seus destinos” (1915), em “O problema econômico do masoquismo”, o autor traz novas descobertas importantes para o estudo das pulsões. O masoquismo, ao trazer o desprazer como alvo, contraria o princípio do prazer. Para explicar porque isso ocorre, Freud inicia sua exposição relacionando a pulsão de morte, a pulsão de vida e o princípio do prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu uma revisão do feminino da obra freudiana, buscando trazer à luz os processos psíquicos e culturais necessários para pensar os destinos da menina ante a travessia do complexo de Édipo. Para tanto, foi necessário revisitar os passos dados por Freud para elucidar o enigma do feminino desde a clínica com as histéricas.

Para explicitar o intrincado funcionamento sexual infantil e os desfechos a que estão submetidas todas as crianças, Freud lançou mão do mito de Édipo, de Sófocles. Nada mais, nada menos que a mais bela e perfeita de todas as tragédias, segundo julgamento de Aristóteles (335 a.C.). Assim, para explicar a origem da identidade sexual do homem e da mulher e a origem de seus sofrimentos neuróticos, Freud relaciona a mitologia grega com o psiquismo humano e funda o campo teórico.

No desenrolar deste trabalho, buscamos desenvolver o percurso da formação sexual do sujeito desde a primeira infância, descortinando um universo povoado por fantasias e realidade, cujos protagonistas são o pai, a mãe e a criança, esta num tempo em que o eu ainda é muito frágil e as percepções sobre a realidade bastante distorcidas. A trama edípica circunscreve-se a profundos sentimentos de amor, ternura, paixão, admiração, e tão profundos quanto paradoxais sentimentos de inveja, ciúme, ódio e rivalidade. Nas páginas da obra freudiana podemos sentir exalar o aroma da flor que nasce após outra que murcha, assim como o gosto amargo do rancor das tramas pré-edípicas. Tentamos trazer à normatividade desse trabalho uma pequena amostra da fineza teórica freudiana, que mais parece uma genial obra de ficção, cuja carga poética não faz juz à profundidade metapsicológica que encerra.

Buscamos esclarecer a conflituosa relação entre mãe e filha e a intrincada inveja do pênis, cuja ameaça da castração interdita o desejo incestuoso da criança e propicia o nascimento do Supereu, que, por sua vez, baliza a ordem civilizatória e confere os equipamentos necessários para que o Sujeito possa estar entre os diferentes. Tudo isso sem prescindir do pai e sua função reguladora junto à pulsão que irrompe do psiquismo recalcado.

Sobre a mulher, a sexualidade feminina e a feminilidade, procuramos marcar as diferenças e as identificações e, ainda, destacar o quanto de atividade encontra-se presente na passividade própria ao feminino. Relacionamos o falo ao filho, à ficção necessária de que alguém o tem e aos substitutos que a castração torna possível alcançar.

À herança geracional, atribuímos a aposta de que o amor retorna, em alguma medida e para além da hostilidade do período pré-edípico, para que a ciência não precise tentar substituir o que a ancestralidade pode transmitir. Ativemo-nos, ainda, ao que contraria o princípio de prazer, o masoquismo. Percorremos esse caminho para entender, ainda que de forma incompleta, o porquê da dor que busca pôr fim à vida, em nome do amor e do prazer.

Foi possível entender que Freud apontava para a passividade como elemento fundamental à feminilidade, repudiado nos dias atuais, sob equivocadas interpretações e distorcidas equivalências entre ativo e masculino, e passivo e feminino. Afinal, metas passivas não se confundem com passividade, nem tampouco implicam alguma atividade que apaque o sujeito, e sim ressaltam a natureza bissexual de todos nós. Há muito de passivo no masculino e de ativo no feminino. A clínica vem mostrar que a passividade é um resultado bem-sucedido da passagem do masculino para o feminino na constituição de uma mulher e que isso não compactua com o exercício de assujeitamento da mulher pelo homem.

Circunscrevemos à crença do falo, a predominância do modo de organização cultural em que a lógica fálica predomina e o patriarcado estabelece modos de organização política e jurídica estruturados na autoridade concentrada na figura do homem, que detém a autoridade e o direito tanto sobre os bens, como sobre as pessoas, especialmente as de sua família.

Longe de se posicionar de forma parcial frente aos modos de funcionamento do mundo, a psicanálise procura evidenciar a importância da figura simbólica do pai, propondo uma reflexão acerca da estrutura evidenciada pelo complexo de Édipo. A função paterna foi tratada por Freud como fundamental na constituição tanto do sujeito como da cultura ocidental, e por Lacan (1956-1957/1995) em sua teorização acerca da função do Nome-do-Pai, postulado que merece futuras investigações.

A psicanálise, por seu turno, ao convocar o analisando a associar livremente dizendo tudo o que lhe vem à mente, explora aquilo que há de “intratável” na condição humana. As portas do inferno são abertas, fazendo surgir os demônios que o atormentam e que se relacionam com o que foi recalcado pelo sujeito, cujo retorno, lhe provoca a vivência do horror. A ética da psicanálise, munida da beleza expressa no amor de transferência [...] torna possível a transformação do horror, com o qual o sujeito é defrontado, em beleza, à medida que se torna capaz de afirmar a vida com que ela traz de bom e de mau, encontrando caminhos para a sustentação de seu desejo. À semelhança do herói trágico, o sujeito no percurso de uma análise, levada às suas últimas consequências,

experimenta não uma afirmação de si mesmo, mas uma destituição subjetiva que o confronta com o que designamos como feminino, como referência a um campo mais além do fálico, que ultrapassa as garantias simbólicas.

Com isso, podemos hipotetizar que a ética da psicanálise é uma ética trágica e, porque não dizer feminina, que impele o sujeito à criação de novos sentidos, à medida que os ideais que sustentam o eu se dissipam a partir de um encontro com o vazio (MAURANO; SOUZA. 2023, p. 33).

Por fim, foi possível reconhecer que Freud não falou tudo sobre as mulheres, reservando-lhes a designação de continente negro, e nem poderia, por absoluta impropriedade. Contudo, assevera a quem interessar possa, que, para saber mais, será necessário perguntar às próprias experiências de vida de cada um, aos poetas, ou à ciência futura (FREUD, 1933b/2020).

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES (335 a.C.). **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FREUD, S. (1905). Três EnsaioS Sobre a Teoria da Sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1914). Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, EnsaioS de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 13-50.

FREUD, S. (1915). Pulsões e seus Destinos. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1916). A Transitoriedade. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, EnsaioS de Metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 247-252.

FREUD, S. (1917/1915). Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Introdução ao Narcisismo, ensaioS de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 12, p. 171-194.

FREUD, S. (1917). Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – 1. ed; 3. reimp, p. 211-233.

FREUD, S. (1919). Uma Criança é Espancada. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1921). Psicologia das Massas e Análise do Eu . In: FREUD, S. **Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 15, p. 13-113.

FREUD, S. (1923a). Organização Genital Infantil. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – 1. ed; 3. reimp, p. 237-242.

FREUD, S. (1923b). O Eu e o Isso In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1924a). O Declínio do Complexo de Édipo. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – 1. ed; 3. reimp, p. 247-254.

FREUD, S. (1924b). O Problema Econômico do Masoquismo. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – 1. ed; 5. reimp, p. 287-301.

FREUD, S. (1925). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – 1. ed; 3. reimp, p. 259-271.

FREUD, S. (1930). O Mal-Estar na Civilização. In: FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 19, p. 13-122.

FREUD, S. (1931). Sobre a Sexualidade Feminina. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – 1. ed; 3. reimp, p. 285-307.

FREUD, S. (1933a). Nova Conferência 31: A Dissecção da Personalidade Psíquica. In: FREUD, S. **Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise (1933)**. In: FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v. 18, p. 192-223.

FREUD, S. (1933b). A Feminilidade. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 – 1. ed; 3. reimp, p. 313-341.

FREUD, S. (1940/1938a). Compêndio de Psicanálise. In: FREUD, S. **Moisés e o**

Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, v.19, p. 189-273.

IACONELLI, V. (2023). **Manifesto Antimaternalista**. Rio de Janeiro: Ed. Schwarcz S.A., 2023.

KRAFT-EBING, R. (1886). **Psychopathia Sexualis**. Forgotten Books, 2012.

LACAN, J. (1949). O estágio do espelho como formador das funções do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1956-1957). **O Seminário, Livro 4: A relação de objeto (1956-1957)**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. (1957-1958). **O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. (1962). **O Seminário, Livro 10: a angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro RJ: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1973-1974). **Le séminaire, Livre XI: Les non-dupes errent**.

MAURANO, D. e SOUZA, J. **A Saga do Feminino na Mulher. A misoginia à luz da psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Viveiros de Castro Ltda. 2023.

NASIO, J. (2007). **Édipo. O complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

OLIVEIRA, F. L. G. (2022). **Grupo de estudos: introdução à teoria psicanalítica com ênfase em fundamentos conceituais da clínica em psicanálise**. Grupo da graduação em Psicologia ministrado na Universidade Federal Fluminense. Notas de aula. Niterói/ UFF, out. 2022. Não publicado.

RIBEIRO, I. (2022) **O Eu e o Isso (1923)**. Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação

Lacanian, ISEPOL: Laboratório de Ensino. Disponível em:
<chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.isepol.com/pdf/O%20eu%20e%20o%20isso%20geral.pdf>

SÓFOCLES. (468 a. C.). **A Trilogia Tebana. Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona.** Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1990.

ZALCBERG, M. (2003). **A Relação Mãe e Filha.** Rio de Janeiro: Ed. Campus Ltda., 2003.

ZANOTTI, S. V. (2022) **A Dissolução do Complexo de Édipo** (1924). Instituto Sephora de Pesquisa de Orientação Lacaniana, ISEPOL: Laboratório de Ensino. Disponível em:
<http://www.isepol.com/pdf/A%20DISSOLU%C3%87%C3%83O%20DO%20COMPLEXO%20DE%20%C3%89DIPO.pdf>